

ILUSTRAÇÃO

N.º 314 — 14.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

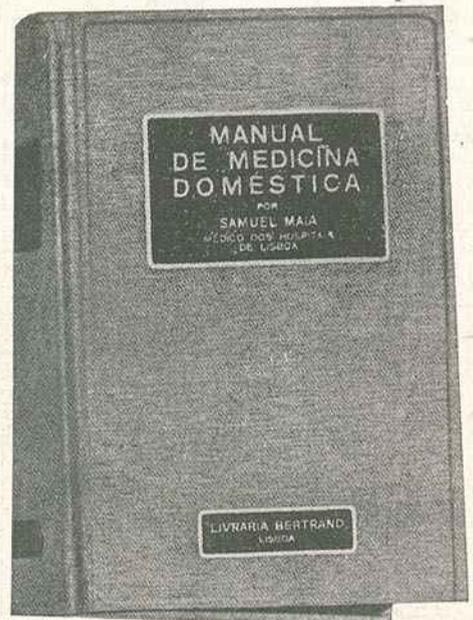
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
 Director: ARTHUR BRANDÃO
 Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
 Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
 Administração: Rua Anchieta, 51, 1. — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
 os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris



A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores
 Páginas magnificas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

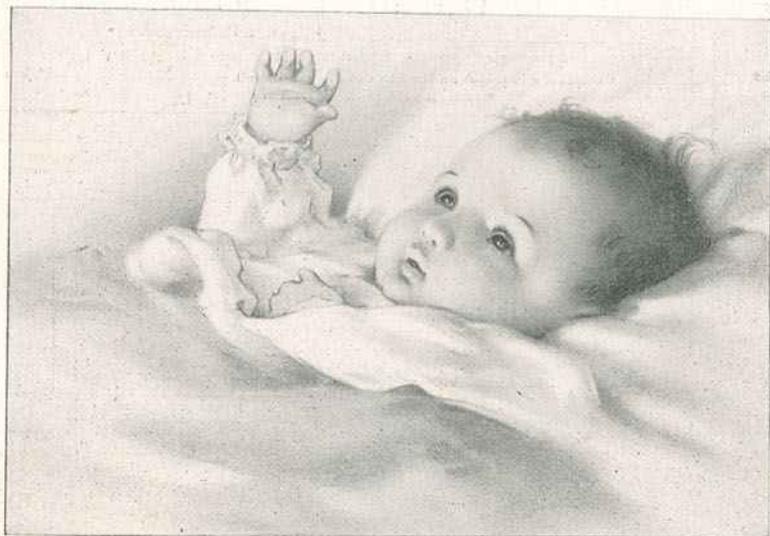
FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artistica capa a côres, **Esc. 3\$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.^a edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer
pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broch., Esc. 15\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES,
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00

Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa
ACABA DE APARECER

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer:

Um novo romance de
AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broch. Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 6 3 1013 sob o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

16-JANEIRO-1939
N.º 314 - 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca - Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

PROF. DR. AUGUSTO MONJARDINO



O ilustre prof. dr. Augusto Monjardino, uma das mais altas celebridades clínicas de Portugal, acaba de ser eleito Presidente da Direcção da Sociedade de Ciências Médicas em substituição do prof. dr. Francisco Gentil, cujo mandato terminara. Assim, pois, o tão perlinaz quão benemérito fundador da Maternidade Alfredo Costa, vai ter o encargo de organizar novas sociedades a que o novo Hospital Escolar dará ensejo, encargo dte que se desempenhará magistralmente com o seu profundo saber de homem de ciência e o seu tão nobre quão generoso coração

ACTUALIDADES DA QUINZENA



As senhoras dirigentes das Juventudes Católicas Femininas visitaram o sr. Cardial Patriarca, após a realização do Conselho Plenário. A sr.ª D. Maria Camila saudou Sua Eminência, dirigindo-lhe palavras de respeitosa homenagem em nome das senhoras dirigentes que, a seguir, entoaram um interessante cântico falado. O sr. Cardial Patriarca agradeceu a saudação, congratulando-se com o êxito dos trabalhos e acção das J. C. F.



O novo bastonário da Ordem dos Advogados, sr. dr. Carlos Pires, agradecendo as manifestações de que foi alvo por ocasião de tomar posse do alto cargo. A cerimónia assistiram conselheiros, desembargadores, juizes e muitíssimos advogados, estando presentes altas figuras da magistratura e do fôro. — *A direita:* Homenagem prestada na esquadra de Alcântara à memória dos guardas da P. S. P., João Oliveira e António Fragoso mortos em 1933 quando defendiam a ordem contra os comunistas



A assistência ao almoço de confraternização dos professores e antigos alunos da Escola Comercial Veiga Beirão. Presidiu o sr. dr. Raúl Valentim Lourenço, director da Escola que propôs um minuto de silêncio, como preito de homenagem pela memória dos professores e alunos mortos. Depois de terem falado alguns alunos, usaram da palavra os srs. dr. Miguel de Almeida, dr. Rui Gomes de Carvalho, dr. Filomeno Lourenço, dr. Magnus Bergström, dr. Alfredo Soares e dr. Raúl Valentim Lourenço que terminou patenteando o seu mais ardente desejo de ver repetir-se por muitos anos festas como aquela na feliz companhia de todos os presentes

ECOS DA QUINZENA



A constituição do tribunal em Santa Clara para julgamento dos implicados no atentado contra o sr. Presidente do Conselho. Presidiu o sr. coronel Luiz da Gama Ochôa; juiz auditor, dr. Gilberto da Beça Aragão; vogal, major Carvalho Viegas; suplentes, coronel José dos Anjos e major Andreia Ferreira e secretário, tenente António de Faria Pais



O sr. Cardial Patriarca recebendo os cumprimentos do clero diocesano por ocasião da entrada do novo Ano. — *A' direita*: O sr. general Amílcar Mota com Beatriz Costa e Chianca de Garcia na *soirée* de gala realizada no Tivoli para a estreia do filme «Aldeia da Roupa Branca» que constituiu mais um triunfo para a simpática vedeta que tantas aspirantes tentam imitar... na franja



Um aspecto do banquete no Arcádia em que o pessoal do «Diário de Notícias» se reuniu comemorando o aniversário deste grande jornal. Foi uma grandiosa manifestação de camaradagem e solidariedade entre todos os que trabalham no «Diário de Notícias» desde os seus elementos mais categorizados aos seus mais humildes obreiros

AS COMEMORAÇÕES DO ANO NOVO



O Chefe do Estado com o Governo na recepção no Palácio de Belém. Além do sr. Cardial Patriarca e do Corpo Diplomático, desfilaram milhares de pessoas perante o sr. Presidente da República que aproveitando a solenidade do dia, dirigiu pela radiotelefonia uma eloquente mensagem a todos os portugueses

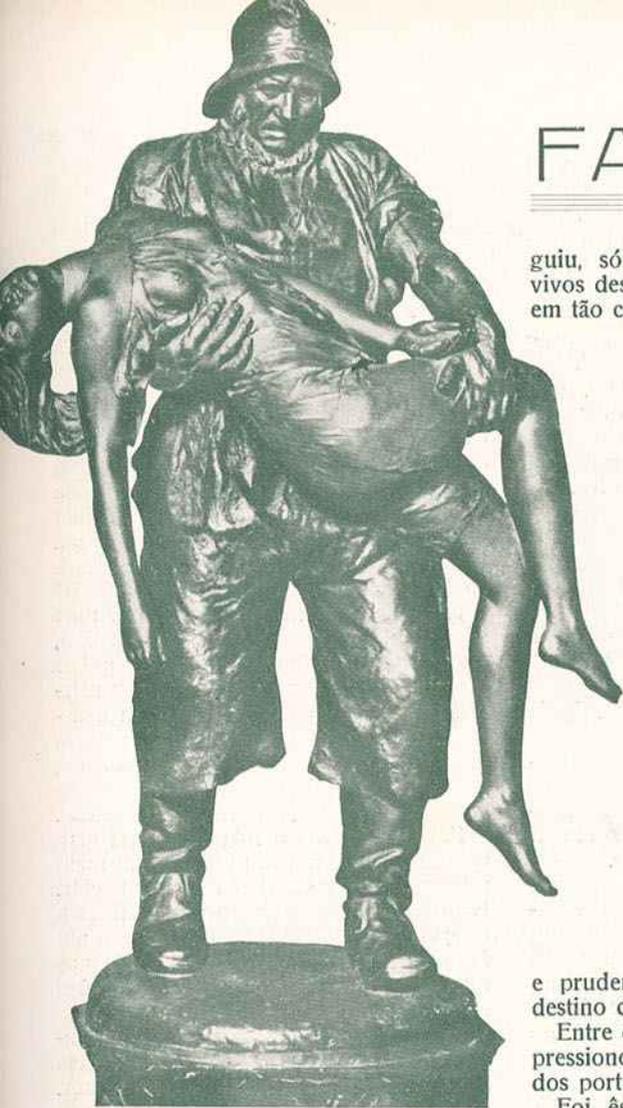


O Chefe do Estado agradecendo, na Câmara Municipal os cumprimentos que a Cidade de Lisboa lhe dirigiu. O sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, presidente do Município proferiu um patriótico discurso. *A' direita:* A leitura da mensagem que as instituições de assistência dirigiram ao Chefe do Estado



Um dos grupos de crianças na escadaria exterior do Palácio da Assembleia Nacional. Seguiu-se um desfile de milhares de criancinhas e velhos asilados de instituições de assistência particular e das que são mantidas pelas juntas de freguesia de Lisboa sendo o sr. Presidente da República saudado entusiasticamente por esses milhares de corações agradecidos

FASTOS DO ANO



guiu, só com as suas preces e os seus vivos desejos de paz, pôr um ponto final em tão cruceante amargura.

As azas negras que por momentos pairaram sobre a Europa escureceram os espíritos, que se encheram de dúvidas e sobressaltos pelo dia de amanhã.

Homens de boa vontade enxotaram para longe a ave agoureira, que teima em vir de vez em quando lançar a sombra do seu negror no céu e nos espíritos, já tão perturbador e ainda mal refeitos de passados horrores.

Esperemos que desta vez o espectro da guerra se tenha retirado para sempre do nosso horizonte.

Em Portugal, cujo céu azul teima em conservar-se limpo das nuvens assustadoras das complicações internacionais, alguns desastres vieram enlutar o nosso povo tão ordeiro e prudente, desastres que só um mau destino comandou.

Entre elas, uma houve, porém, que impressionou mais profundamente o coração dos portugueses.

Foi esse abaloamento do *Tonecas*, o nome garoto que trazia consigo um *sobriquet* lutuoso, sem o saber, que levou tantas vidas para o Tejo e vestiu de negro muitas famílias.

A descrição duma desgraça é sempre motivo de comoção, é sempre fonte de lágrimas sinceras, mesmo quando às vítimas não nos liga nenhum laço de parentesco próximo.

Basta-nos o laço com que Deus prendeu toda a humanidade — o laço de irmãos em Cristo.

Por isso, uma desventura, ainda que se dê num país muito longe do nosso, não pode deixarnos indiferentes, e todos nós choramos, juntando o nosso pranto, que é o sinal da dor comum, ao daquêles a quem tal desventura feriu mais de perto.

O balanço dêste ano, de suas glórias e tristezas, não pode fechar-se, sem fechar as contas, não citando o nome de António Germano, êsse moço valente que morreu agarrado ao leme do seu barco, que não o largou nem mesmo no fundo do charco, soldado a êle pela mão impiedosa dum fado cruel.

Portugal, berço de herois, hade ser eternamente honrado pela bravura dos seus filhos, pela sua nítida compreensão das responsabilidades.

Que importa que apareça, de vez em vez, um bandido que destlustre a sua raça, quando as páginas da história se orgulham de tantos nomes que se elevaram no conceito das gentes?

Ao lado de tantos que a posteridade hade continuar a respeitar como exemplo das virtudes luzíadas, fica bem êste nome modesto, de origem simples — um brilho do povo que se enobreceu com os pergaminhos do seu próprio salvador — António Germano. *O homem do leme* merecia uma estátua.

Não haverá algumas com menos razão? Embora! Se as não tiver em terra firme te-la-á na nossa recordação, e o rolar das vagas desenhará na areia o seu nome imperecível, como alto expoente da coragem lusa.

Que importa que surja, de longe a longe, um facinora a cometer tôda a espécie de infâmias? Nem por isso consegue denegrir a reputação de seus pais, quanto mais os seus compatriotas.

MERCEDES BLASCO

UMA coisa que tentou Ovidio — os acontecimentos do ano, postos numa seqüência de calendário.

Entre nós teve a mesma ideia o padre Francisco Manuel de Nascimento, em literatura Filinto Elísio, poeta de valor que viveu com um pé no século XVII e outro no século XVIII, e que se agüentou muito bem em equilíbrio, com a maromba da glória.

Júlio de Castilho, mais tarde, foi-lhe no encaicho, nessa mesma ideia, e escreveu os *Fastos portugueses*, dos quais tenho aqui presente o primeiro livro.

Parece não ser tarefa muito fácil, visto que Filinto Elísio só conseguiu rimar a tal respeito cento e quarenta versos.

Não é meu intento imitar tão ilustres cantores nem os fastos que vou trazer aqui precisam que eu invoque as musas.

São fastos — infaustos, infinitamente dolorosos. Os que passaram em girândolas de alegria não me interessaram grandemente.

Interessam-me mais, chegam-me mais à minha sensibilidade os acontecimentos trágicos que marcam a sua passagem com uma pedra negra.

Foram bastantes as desgraças que nos trouxe o ano que findou, sem falar na desventura espanhola que continua a espalhar nas almas a dor e a mágoa, e uma latente raiva que nenhum de nós conse-





Farol à vista

EM recostados num óptimo *maple*, gozando o luxo e os prazeres que lhes oferecem essas maravilhosas cidades flutuantes que são os modernos transatlânticos, os passageiros nem ao de leve pensam no quanto de útil são os faróis ao barco que os transporta.

Um ou outro, geralmente dos que vêm mal alojados no convés da terceira, desfeitos os sonhos quiméricos que o levaram em busca de fortuna a longínquos paragens, ainda procura descortinar, cheio de ansiedade, essa luz brilhante e move-dija que assinala a presença de terra. É que talvez além estejam uns pais queridos, um irmão ou um amigo que não esqueceram, uma noiva estremeçada. Ou — quem o sabe? — somente almeja chegar quanto antes à terra que lhe foi berço e que lhe há-de dar o pão na velhice. E nada mais.

Já os velhos *lobos do mar*, principalmente os tripulantes de navios de pequena tonelagem ou de menor capacidade de resistência à fúria das águas, não mostram o mesmo desinteresse pelos faróis e para com os faroleiros: e nem é a primeira vez — não há ainda muito que os jornais disso fizeram eco — que eles arriscam a sua vida para alimentar ou para socorrer esses modestos obreiros que se sacrificam a estar dias e dias, quando não meses seguidos, isolados e não raro mal alimentados para serem úteis aos seus semelhantes.

Na verdade, desde os dois fogos que ardam durante a noite na Ilha de Pharos, junto à cidade de Alexandria, no tópo duma alta torre de mármore branco que Ptolomeu Philadelpho mandou eri-

gir em 285 A. C. e foi classificada como uma das sete maravilhas do mundo: Quantos milhares de faróis, por essas costas além, não têm salvo de morte certa e horrora-tos tantos e tantos que, na procura do pão de cada dia, são surpreendidos no mar por tempestades que os desorientam e ameaçam subverter? O farol, que mal se enxerga ao longe, é a estrêla que conduzirá os pobres navegadores, já exaustos e crentes de que o seu fim está chegado, ao pórtico de salvação, ao abrigo, à vida, ao seio da família.

Pode dizer-se que o farol é coevo da navegação. Antes da famosa torre de Pharos já existia iluminação costeira e de um se dá conta no séc. IX A. C. no alto do Cabo Sigeu.

Aperfeiçoado a pouco e pouco, desde a alimentação por fogos de lenha e carvão até à moderna incandescência eléctrica, passando pelos archotes de resina inflamada, pelas lâmpadas grosseiras, pelos óleos pesados, hoje não há costa marítima em que o farol não brilhe.

Pois apesar de existência tão antiga, de sobejamente conhecidas as suas enormes vantagens e de Portugal ser um País de navegadores e marinheiros, só em 1515 se instalou o primeiro farol no nosso País. Esta iniciativa partiu do Bispo do Algarve que, mandando-o erigir no Cabo de São Vicente, confiou a sua guarda aos frades dum convento que próximo fundára.

Com Pombal foi porém publicado em 1758 um alvará, que um criterioso estudo da forma de iluminação do litoral português tinha antecedido, em que se mandavam construir vários faróis.

A construção do da Berlenga, que visitamos agora, foi prevista nesse diploma, embora só em 1841 tenha sido edificado com o nome de *Farol do Duque de Bragança*.

Até 1570, ano em que foi transferido

UMA VISITA ÀS BERLENGAS

Contemplando a l... viva do seu farol

para Obidos, existiu aqui um convento de frades jerónimos, fundado pela viúva de D. Duarte, rainha D. Leonor, segundo uns, por D. Maria, esposa segunda de D. Manuel, na opinião de outros. Ainda hoje lá se vêm umas pedras que se dizem das ruínas da habitação fradesca da Berlenga Grande.

Num ilhéu próximo e ligado por uma ponte, a Fortaleza de São João Baptista, de grande importância estratégica e poder ofensivo em tempos idos, tornou-se célebre pela luta que sustentou com a armada castelhana que em 1580, após a ocupação de Lisboa pelo Duque de Alba, tentou apoderar-se daquele baluarte que arvorava, altaneiro, o pavilhão das quinas.

Foi prolongada a luta e inglória para o inimigo, que decidiu retirar com meio milhar de mortos e perda de três navios. E assim teria acontecido se não fosse a traição de um soldado que conseguiu fugir e chegar às naus dos atacantes, aos quais fez sabedores de que as munições estavam esgotadas.

Dado novo assalto, viram-se os portugueses obrigados a depôr as armas após terem esgotado todos os recursos. O heróico comandante da praça pagou com a vida a sua dedicação e bravura.

Hoje tudo é tranqüilo: ao redor do farol umas quantas casitas de pescadores com crianças alegres e buliçosas brincando sob este acariciante sol de Janeiro.

É encantadora a vista do alto da torre do farol num dia de atmosfera bem límpida.

Para lá, para o largo, tudo é azul, muito azul, confundindo-se na linha do horizonte a cor das águas com a da abóbada celeste.

— Uma vela branca. Lá tão longe! Mal se distingue!

A água vem de encontro aos rochedos docemente, em resaca monótona e embaladora.

— Mas nem sempre é assim. Quando o mar se encapela... Nosso Senhor nos ajuda!

É um velho pescador, antigo faroleiro, que me fala. Fronte lisnada, as maçãs do rosto salientes, uma cara inexpressiva, como que com os músculos faciais paralizados, mas um olhar vivo, o inseparável cigarro ao canto da bôca e o indispensável boné na cabeça, é o perfeito tipo de marinheiro.

E enquanto ele me vai descrevendo, vejo passar ante os meus olhos a sinistra visão: Uma noite muito escura, das que, como se costuma dizer, não se vê um palmo ao diante do nariz. Chove torrencialmente.

As ondas, ora mudadas em vagas pela violência do vento, transformam esta doce melopeia em música de orquestração

nua onívota, em ópera wagneriana de proporções desmesuradas.

Ao longe, um vapor apita desesperadamente. Mas quem, debaixo d'este temporal, pode aventurar-se a ir-lhe prestar socorros? Barco lançado à água, é barco que logo se desfaz contra as rochas.

— A nossa preocupação é a de que o farol não deixe de iluminar. Para isso fazemos todos os sacrifícios, arriscando muitas vezes a vida para conseguir chegar até êle.

E continua: — São dias e dias assim, sem se poder sair de casa, num isolamento absoluto. E depois são os viveres que começam a faltar. Há anos — lembra-se? — teve que um avião vir lançar-nos mantimentos em sacos...

Nestes dias de bonança, os homens empregam o seu tempo na pesca da sardinha, que aqui é abundantíssima e da melhor qualidade... Olhe!

Lança isca à água e logo o peixe pula em volta, numa luta pela existência que tem seu quê de semelhante à dos habitantes da Berlenga.

As horas passam vertiginosamente, num encanto que não tem fim, e já no regresso do barco que me conduziu a Peniche eu vou observando as velas que se encaminham para a pesca, ao mesmo tempo que penso nos formosos versos de António Nobre:

-
- «Oh, as lanchas dos Poveiros!
- «A saírem a barra, entre ondas e gaióvas!
- «Que estranho é!
- «Fincam o remo na água, até que o remo tórça,
- «A espera da maré,
- «Que não tarda hi, avista-se lá fora!
- «E quando a onita vem, fincando-o a lóda a força,
- «Clamam todos à uma: «Agora! Agora! Agora!»
- «E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo,
- «(As vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
- «Que vista admirável! Que lindo! que lindo!
- «Içam a vela, quando já têm mar:
- «Dá-lhes o Vento e lódas, à porfia,
- «Lá vão soberbas, sob o céu sem manchas,
- «Rosário de velas, que o vento desfia,
- «A rezar, a rezar, a Ladainha das Lanchas
-

De súbito, um marinheiro chama a minha atenção para uma caverna da costa:

— Sabe que rocha é aquela? É o sítio de Fr. Rodrigo. Mais lá para diante, são os Passos de D. Leonor.

E conta-me a interessante lenda, que nos recorda o entrecho do "Amor de Perdição," do imortal Camilo:

Viviam em Peniche duas famílias fidalgas, que se detestavam.

Leonor, filha de uma dessas famílias, fóra requestada por um mancebo chamado Rodrigo, herdeiro da outra.

Amaram-se apaixonadamente e, claro está, no maior segredo.

Porém, sabendo um dia dos amores do filho, o pai de D. Rodrigo obrigou-o a entrar como noviço no convento das Berlengas.

Cotidianamente, ao anoitecer, o moço vinha no barco dum pobre pescador e em sua companhia a um sítio combinado, onde Leonor o esperava.

Esta, mal se apercebia do ruído dos remos na água, acendia uma fogueira, que indicava ao amante a posição onde o aguardava.

Um noite, a luz não apareceu. Ansioso, dirigiu-se ao sítio combinado. Uma coisa negra boiava. Apanhou-a: era a capa de Leonor.

Não havia dúvida: a pobre enamorada, perseguida pelos irmãos e pelo pai, ao saltar de pedra em pedra, escorregara e caíra à água.

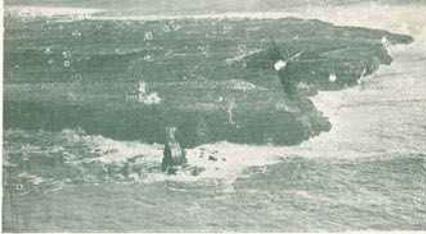
Louco de dór, Rodrigo, sem que o companheiro tivesse tempo de o evitar, lançou-se às ondas e desapareceu no abismo oceânico.

Dias depois, os cadáveres de ambos fóram dar à costa, nos sítios que ainda hoje conservam o seu nome.

... E o meu pensamento, que ainda há um quarto de hora me levava embevecido para a "Ladainha das Lanchas," de António Nobre, conduz-me agora (digam lá que a teoria filosófica da associação das ideias não é verdadeira!) para o ultra-romântico Soares de Passos, evocando algumas quadras do seu delicioso, se bem que doentio, *Noivado do Sepulcro*, que as nossas avós cantavam ao piano:

- «Amor! engano que na campá finda,
- «Que a morte despe da ilusão falaz:
- «Quem de entre os vivos se lembrará ainda
- «Do pobre morto que na terra jaz?»

Na verdade, que influência terá exercido esta velha lenda que, segundo me informam, corre entre os pescadores de Peniche desde tempos antigos, tão antigos que não é possível fixá-los?



Outro aspecto do farol

O romantismo da lenda, o surdo baquear dos corpos na água, o gélido contacto de água fria, o supremo instante em que se sente a Morte, o grito desesperado de Leonor...

Tudo isto me passa em turbilhão pela mente, com um arrepio terrificante.

Mas o "Noivado do Sepulcro" obseidia-me:

- Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
- Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
- Quero o repouso do teu frio leite,
- Quero-te unida para sempre a mim!

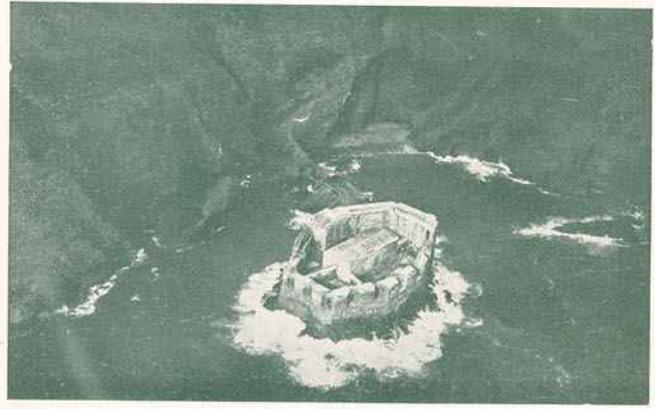
- Por'm mais tarde, quando foi volvido
- Das sepulturas o gelado pó,
- Dos esqueletos um ao outro unido,
- Foram achados num sepulcro só.

Aquele louco amor, tão grande que levou o pobre amante ao desespero, pode bem ser o que o Poeta nos conta.

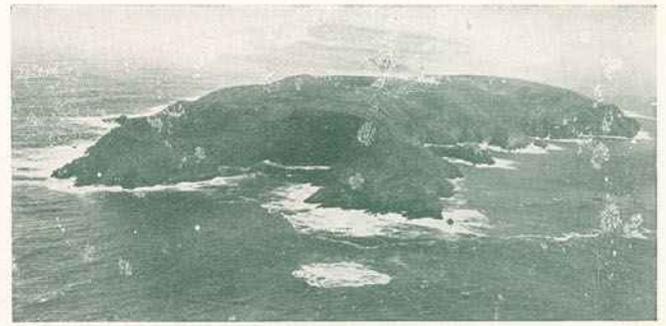
Romeu e Julieta, Werther e Carlota, Paulo e Virgínia...

Também este quis acompanhar a sua amante ao seio das águas, onde decerto se uniriam nuns esponsais que a Vida lhes não consentiu, e que só a Morte lhes permitiria realizar, juntando-os no Nada onde vieram ou no "assento etéreo onde subiram." — conforme a crença de Camões.

CASPAS DA CRUZ FILIPE.



Desafiando as ondas



... como um monstro marinho...

A Joanhinha entra na sala, onde estão visitas, e diz em voz alta à mãe:
 — Mamã! está lá fora o cabeleireiro, que traz a tintura para o cabelo...
 A mãe, sem se atrapalhar:
 — Está bem, minha filha. Vai avisar o papá.

Um médico vai vêr um doente e receita-lhe, como principal meio de se curar, um banho diário de água doce. Passados dois dias volta a casa do doente e pergunta se êle tem tomado os banhos:
 — Tenho sim, senhor doutor, mas não posso continuar a tomá-los porque são muito caros.

— Caros?! — replica o doutor.
 — Caríssimos: só de açúcar são 3 quilos, e olhe que ainda não ficam bem doces.

Numa loja de peles de luxo, havia como reclamo ao estabelecimento, um urso embalsamado.

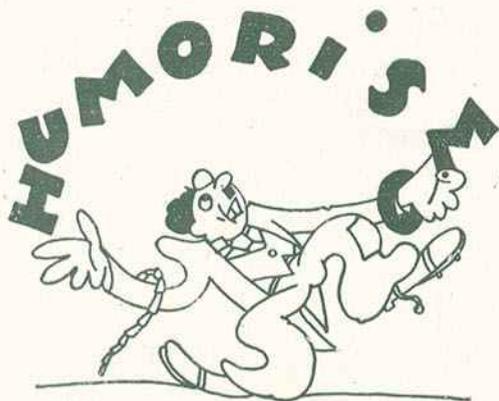
Um salão entra na loja com seu filho, e diz para êste:
 — Não te chegues ao urso!
 — Porquê, papá, tem perigo?...
 — Quem sabe lá? essa fera pode estar mal embalsamada!

Numa casa rica, onde havia numerosa criadagem, foi admitido como cozinheiro um chinês.

Os criados, embirrando com o novo colega, começaram a fazer-lhe tôda a espécie de partidas: encher-lhe de areia os sapatos, colocar-lhe alfinetes na cama, e outras gracinhas semelhantes.

Paciente, como todos os da sua raça, o chinês sofria resignado tudo o que lhe faziam, até que, um dia, o mordomo lhe confessou:

— Tudo o que te temos feito era para te experimentar. Como mostrás-te ser



bom rapaz, passamos de hoje em diante a ser teus amigos.

— Então não tornam a fazer-me partidas?
 — Pois não.
 — Nesse caso, também eu a partir de hoje, não tornarei a cuspir no café que vos servia.

Numa pastelaria:

— A como são estes biscoitos?
 — A tostão a meia dúzia.
 — Seis por um tostão, isto é, por cinco vintens. Então vem a ser cinco por quatro vintens, quatro por três, três por dois, dois por um, e um de graça! Dê-me um!

Certo indivíduo, viajando na Escócia, visitou uma quinta que lhe diziam ser digna de vêr-se, não só pela beleza do panorama que dali se disfrutava, mas pelas suas tradições históricas.

Entrando na sala de jantar, o visitante viu dentro de uma vitrina um tejo, tendo ao lado uma rosa sêca.

Intrigado, perguntou ao escocês o que significavam aqueles dois estranhos e diferentes objectos.

O interpelado esclareceu:
 — O senhor vê esta enorme cicatriz

que eu tenho na testa? Pois foi feita com êste tejo.

— É a rosa?
 — Ah! a rosa... essa nasceu na sepultura do homem que me atirou o tejo à cabeça...

Numa casa bancária entram duas senhoras, uma das quais pretende receber certa quantia.

— Não posso pagar-lhe, minha senhora — diz-lhe um empregado — sem que prove a sua identidade, com uma testemunha pelo menos.

— Tem aqui esta minha amiga que testemunhará.

— Mas é que eu também não conheço essa senhora.

— Tem razão, desculpe... E eu que me esqueci de lha apresentar!

— Então, tu, com essa idade, e não vais à escola?

— Para quê, se não sei ler?

Dois amigos viajam por mar. No dia seguinte ao da partida um dêles levanta-se mais cedo e vai visitar o outro ao camarote, encontrando-o ainda deitado no beliche e de touca de senhora na cabeça.

— ?
 — Cala-te, palerma! Tu não sabes que cá a bordo em caso de sinistro os primeiros a serem salvos são as crianças e as senhoras?!

Numa aula de inglês o professor esforça-se para fazer compreender a um dos seus discipulos que *i* se pronuncia *ai*, mas não o conseguindo, diz ao rapaz:

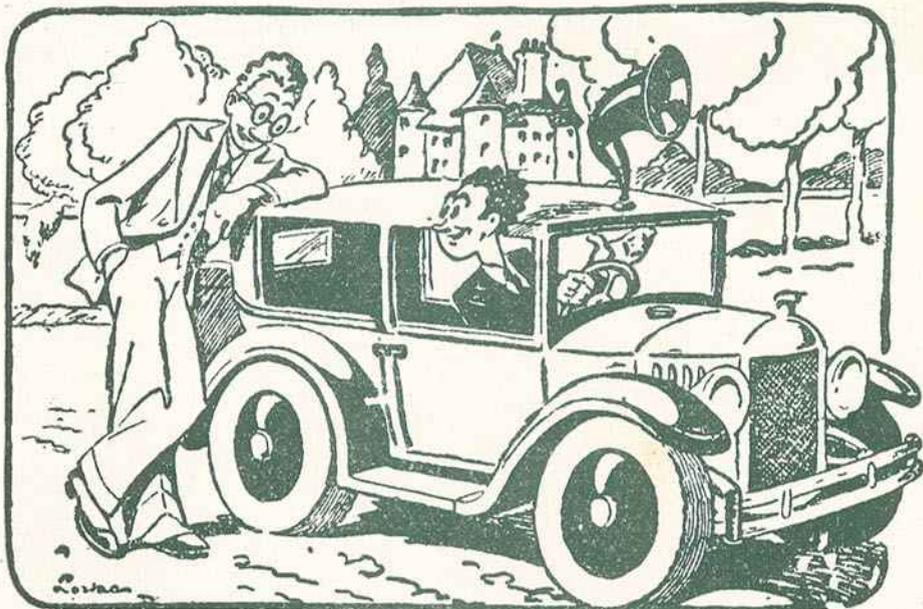
— Levante-se e volte-se.
 O rapaz obedece, e o professor dá-lhe um tremendo pontapé.
 — Ai! exclama o discipulo.
 — É isso... assim... ora até que enfim!

O patrão para a criada:
 — O rapariga, não vês que trouxeste um sapato preto e outro amarelo?
 — Vi, sim senhor; mas é que o outro par que lá está é exactamente igual.

Certo enfatuado foi apresentado, num baile, a uma senhora, com quem, em seguida dançou uma valsa.

Depois acompanhou-a ao seu lugar, e ao agradecer-lhe, disse-lhe:
 — Esta noite, minha senhora, creia v. ex.^a que fica sendo o dia mais formoso da minha vida!

— Consente que lhe dê um beijo? Um só?
 — Decerto que não.
 — Então quantos?



— Êste modêlo é a última palavra do progresso; até tem receptor de telegrafia sem fios...
 — Pois sim, mas com certeza que só podes receber ondas... curtas.

ACTUALIDADES DE ALÉM-FRONTEIRAS



Os aviadores Bodecker e Zander que fizeram 50 horas de voo sem motor em pleno inverno



O novo tipo de locomotiva alemã que desenvolve uma potência de 5420 cavalos por hora



Soldados de infantaria alemã exercitando-se no lançamento de obuses de grande potência



Ubaldo Rey, um dos chefes do fascismo da Tunísia, perante o tribunal por ter organizado um cortejo que as autoridades tinham proibido



O Corpo Diplomático saindo do Eliseu após ter apresentado cumprimentos ao Chefe do Estado. A frente, vê-se o Nuncio Apostólico, Monsr. Valeri



A neve em Marselha, vendo-se o Velho Porto com um aspecto tão frio que até enregelou quem o vê... em fotografia...



O generalíssimo Franco momentos antes de pronunciar o seu discurso evocativo da morte de José António Primo de Rivera



Eça de Queiroz — caricatura por F. Valença

PELA carta de 28 de Novembro de 1878 a Ramalho Ortigão vê-se o estado de espirito de Eça, quanto ao seu plano de trabalho como romancista — enterrado já o projecto d'A Batalha do Caia.

O irmão de Ramalho, que residia no Rio de Janeiro, arranjara na Gazeta de Notícias uma situação para Eça, que responde assim:

"Comoveu-me; e aceitaria, quando não fosse senão por a proposta vir d'ele, tão amavelmente formulada: mas ela é, além disso, vantajosa e benvinda.

"Eu tenho justamente um romance que estava à espera de vez: escrevi-o para ser a primeira parte das Cenas, mas, além de ser mais volumoso que o plano das Cenas comporta, (atinge quasi a obesidade do Primo Bazílio) não me servia artisticamente como Introdução às Cenas. Foi por isso que o substitui pela Capital, que é mais um trabalho de generalidade. O assunto é grave — incesto; mas tratado com tanta reserva, e numa meia tinta tão severa, que não choca. Chama-se — Os Amores dum Lindo Moço, título pretensiosamente mediocre. Poderá, para a circumstancia, chamar-lhe O Brasileiro: o heroi é-o. Como arte, tem tipos de que gosto — tratados numa nova maneira, a contornos grossos, de forte destaque; incidentes curtos, muito adaptáveis ao folhetim — enfim, o que justamente convém. Que a Gazeta faça a sua proposta. Também me alegra a ideia duma correspondência, quinzenal por exemplo, dando, numa maneira fácil, e como seu irmão diz, alegre, o movimento científico, literário, artístico, e sobretudo social de Londres. Seria talvez, depois, um livro tolerável. Escreva-o logo a seu irmão, para que je sache à quoi m'en tenir."

O romance — Os Amores dum Lindo Moço é, decerto, o mesmo que designara, nas Cartas a Chardron, sob a designação, primeiro de O Desastre da Travessa do Caldas, e, depois, successivamente, de O caso atroz de Genevieve e de A Tragédia da Rua das Flores. Teria alguma ligação com o romance História dum lindo corpo, que Batalha Reis, na sua Introdução às Prosas Bárbaras, afirma estar muito adiantado em 1870, havendo-o o autor lido, então, em esboço a elle e a Antero de Quental — "hão extenso que levou várias noites a ler," e que "era a sua primeira tentativa de romance realista."

Mas Eça prossegue: "Você leu o primeiro capítulo da Capital? Que lhe parece? A mim parece-

-me mau: e o resto do livro. Você, verá, pior: é frio, é triste, é artificial; é um mosaico laborioso; pode-se gabar a correcção, mas lamenta-se a ausência de vida: os personagens são todos empalhados, e tenho-lhes tanto ódio, que, se elles tivessem algum sangue nas veias, bebia-lho. Sou uma besta: sinto o que devo fazer, mas não o sei fazer."

Via-se bem que A Capital estava irremediavelmente condenada: Eça perderá um tempo precioso em recopias, alterações e emendas, sem que consiga animá-la de verdadeira vida. Será como um fantasma de mocidade, que nunca poderá afastar, de vez, do seu pensamento.

Quando, 25 anos depois da sua morte, seu filho José Maria a dá à publicidade, tem 573 páginas, havendo sido inutilizadas muitas outras.

Termina: "Talvez a segunda edição do Padre Amaro, lhe agrade, todavia: é mais humana, é mais quente."

No balanço do trabalho realizado por Eça em 1878, temos: parte da revisão do Crime; idem d'A Capital!; esboço d'A Batalha do Caia. E talvez revisão dos Amores dum Lindo Moço, além das Cartas de Londres, que para A Actualidade, do Porto, escreveu até ao meado do ano.

O projecto de colaboração na Gazeta de Notícias fracassou. Porquê? Ignoramo-lo.

Reconhecerá o próprio Eça a impossibilidade de publicar Os Amores dum Lindo Moço, e escrever, além disso, uma crónica quinzenal, quando Chardron não o largava para completar A Capital, cuja impressão parara na página 80, e para completar a 2.ª edição d'O Crime?

Mas é certo que não cessava de se meter em novos trabalhos: vejamos-se as Cartas a Chardron em Junho e Julho de 1879, sobre O Conde de Abranhos, que não pôde também levar por diante.

E da carta a Ramalho de 10 de Julho de 1879, em que alude ao rascunho desse novo romance, vê-se que não abandona a ideia das Crónicas:

"Meu pai escreveu-me há dias, falando-me do desejo que tinha Gonçalves Crespo (é um rapaz que faz versos muito engenhosamente trabalhados, não é verdade?) em me convidar para mandar correspondências ao Jornal do Comércio. Isto vem exactamente combinar com o meu próprio desejo; eu necessito fazer correspondências, por hygiene intellectual. Tenho-me posto no mau hábito de ler tôdas as manhãs montões de jornais: e esta grossa massa de política cai-me no cérebro, não é digerida, e, pela sua presença, impede o jôgo regular das faculdades artisticas. As vezes, a trabalhar, sinto subitamente que uma ideia não se pode abrir caminho; observo-me: e reconheço que é o fim (?) dum pesado argumento sobre a utilidade das Leis Ferry que obstrue a passagem. Preciso purgar a intelligência destas fezes. Quero um vaso. O Jornal do Comércio parece-me poder preencher esta função útil.

"Veja Você, pois, se é possível que se me obtenha um vaso. Deve entender, porém, que eu não quero evacuar gratis;

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

De como escreveu "Os Maias" e "A Relíquia"

e é esta outra feição da questão, que é importante considerar: como porém é, sobre tudo, por um fim de hygiene, que eu desejo corresponder — o facto da remuneração não é essencial: contento-me com uma quantia que ressalve sufficientemente a dignidade das letras. Trate-me pois, disse, e responda."

Foi então que as coisas se encaminharam, definitivamente para que a Gazeta de Notícias, onde Ramalho publicava as suas Cartas Portuguezas, se começasse a publicar também as Cartas de Inglaterra de Eça de Queiroz.

Em princípios de 1880 saí a 2.ª edição d'O Crime do Padre Amaro: grande parte do ano de 1878 e todo o ano de 1879 levava o escritor na revisão do famoso romance, tornando-o verdadeiramente uma obra nova.

Eça de Queiroz veio então a Portugal gosar umas boas férias: foi nessa occasião que, a pedido de Lourenço Malheiro, prometeu dar, em folhetins, num jornal de Lisboa, um romance seu — Os Maias.

Lourenço Malheiro, engenheiro de minas, natural de Ponte do Lima (onde nascera em 1844), íntimo amigo do grande escritor, fundara em 1877 o Diário de Portugal: a sua vida, que não foi longa (veio a falecer em 1890), é cheia de ardorosa labuta na metrópole e Angola, e na Espanha, principalmente.

Eça prometera, mas as coisas não sucederam como se haviam previsto.

Para acalmar os leitores, que reclamavam o romance que não vinha, o Diário de Portugal publicou O Mandarin, que em fins de Junho de 1880, em Angers, no regresso de Eça a Inglaterra, surgira como uma maravilhosa flor de imaginação, que não tem par, na sua obra, nem mesmo na nossa literatura...

Quando aos Maias — ouçamos o seu autor, na carta a Ramalho, datada de Bristol, a 20 de Fevereiro de 1881:

"Quando eu estive em Lisboa, o Malheiro pediu-me que escrevesse para o Diário um romance: apeliou urgentemente para a nossa velha amizade, e deu-me razões determinantes. Para o satisfazer, interrompi a Capital, estragando a para sempre, creio eu, porque vejo agora que não poderei recuperar o fio de veia e de sentimento em que ela ia tratada, e fallando aos meus compromissos com o Chardron. O contracto com o Malheiro era eu dar-lhe uma novela de vinte cinco a trinta folhetins, com a remuneração de trinta libras, preço de amizade. Apenas o trabalho ia em meio, reconheci que tinha diante de mim um assunto rico em caracteres e incidentes, e que necessitava um desenvolvimento mais largo de romance. Comuniquei isso ao Malheiro, que se alegrou e, para fazer paciantar os leitores do jornal, presen-

tiei o Diário com uma novela — O Mandarin (gratis!)

"Mal vira, porém, que eu ia fazer um romance, tratei de lhe assegurar uma existência mais longa que as folhas volantes dum jornal: ocupei-me da sua aparição em livro. O Chardron aceitava as minhas propostas (se bem me lembro, uns quatrocentos mil reis em dinheiro e mais uns livros, etc.), mas com a razoavel condição de que o romance (a esse tempo já com o título decidido — Os Maias) seria primeiro impresso e remetido para o Brasil, e depois publicado em Lisboa, no folhetim do Diário. Isto era justo para evitar a contrafacção, sobre os folhetins remetidos daí para o Rio. O Malheiro, porém, recusou esta combinação; isto é, elle não tinha direito a recusá-la; suplicou-me que a não effectuasse, com receio que o Chardron, apenas publicado o romance, o puzesse traçoicamente à venda em Portugal. O receio era pueril, mas eu cedi ao Malheiro — perdendo, desde logo, as excellentes ofertas do Chardron!

"Propuz então ao Malheiro que editássemos nós ambos o livro. Ele recusou-se também, e com muito critério, porque, sem experiencia nem relações, corriamos a um prejuizo certo.

"Durante tôdas essas negociações o manuscrito inicial dos Maias ia-se completando. Instei, pois, com o Malheiro, para que me deixasse resolver de qualquer modo a questão da edição em volume. Depois de longos silêncios, a renovadas instâncias minhas — o Malheiro appareceu-me com uma brilhante proposta: uma firma editora de Lisboa offerencia-se a publicar o livro, dividindo ao meio os productos comigo. E os detalhes da proposta eram ainda mais bellos: a edição seria rica, seis mil exemplares para começar, etc., etc., imagine Você, querido Ramalho, a minha alegria: escrevi ao Malheiro uma carta de reconhecimento comovido: e, como via nesta proposta uma pequena fortuna (o Malheiro affiançava-mo) decidi logo fazer, não só um romance, mas um romance em que eu puzesse tudo o que tenho no sacco. A occasião, confesse, era sublimemente para jogar uma enorme cartada. Havia na proposta uma coisa vaga: era que eu não devia comunicar com a firma — mas manuscritos, provas, notas ao revisor, etc., tudo deveria ir pelas mãos do Malheiro ou do sr. Tomás Sequeira. De facto, na proposta o meu nome não apparecia: o contracto era feito entre o Malheiro e o Editor; o Malheiro é que devia receber os proventos e passar-mos a mim; enfim, era como se fôsse o Malheiro que escrevesse o livro. Isto era vago e confuso — mas, desde que o Malheiro estava no negócio, era como se estivesse eu mesmo: eu tenho tanta confiança nêle como em mim; o que me

incomodava era não poder comunicar directamente com os Revisores.

"Mas, enfim, trabalhava com grande esperança, dia e noite, e Os Maias estava um robusto e nédio livro em dois volumes, um verdadeiro éclat para o burguez. Uma das condições é que, apenas eu começasse a fazer a cópia, iria remetendo os capítulos um a um, e as provas me seriam logo remetidas, sem demora. Você sabe que isto é indispensável ao meu processo de trabalho. E o sr. Tomás Sequeira escreveu-me, dizendo que tudo estava pronto, à espera do original e a imprensa impaciente!

"Remeti os dois primeiros capítulos, enormes, setenta páginas de impressão. E esperi impacientemente as provas. Passaram quinze dias, um mês, dois meses, três meses. Nada! Comecei a inquietar-me, e (idiota!) remeti o terceiro capítulo, outras trinta páginas de impressão. Recomecei a esperar; passaram-se quinze dias, um mês, mês e meio. Nada! Nem provas, nem carta. Nada. Escrevi, ansioso, ao Malheiro, suplicando que me dissesse onde estavam as provas, o que fôra feito do meu manuscrito. O Malheiro, a pesar de repetidas instâncias, não me respondeu. Afilição já, dirigim-nos ao sr. Tomás Sequeira, numa carta humilde, patética, em que implorava uma linha num bilhete de visita. O sr. Sequeira não se dignou responder-me. E aqui estou!

"Afianço-lhe, sob palavra de honra, que estas coisas monstruosas, são exactas."

"Pedia Eça a intervenção de Ramalho Ortigão — que este conseguisse arrancar áqueles cavalheiros qualquer resposta. E formulava várias perguntas, sendo a última: — "Onde está o meu manuscrito?"

"Ansiosa, porque ajuntava: "Esta última pergunta é importante, querido, porque, burro que sou, inutilizei o manuscrito inicial desses capítulos: só tenho a cópia que mandei."

E ainda:

"Para completar os reenseignements, devo dizer-lhe: que o Malheiro já me pagou Os Maias; que o romance está pronto no manuscrito inicial; que há (para diante do terceiro) outros capítulos copiados, e quasi prontos: que a suspensão de provas e a suspensão de tudo, fez que eu suspendesse ou abrandasse a actividade do trabalho..." "Pode Você imaginar, o espanto e a melancolia em que estou — vendo que por ter sacrificado a Capital, os interesses que me fazia o Chardron e quasi um ano de trabalho incessante — recebo, em paga, desconsideração, desprezo, e a destruição de muitas esperanças. É duro.

"Enquanto aos Maias — supponho-o um razoavel trabalho, e isto aumenta a minha indignação..."

Este o introito do drama de paixão do romancista...

E quanto se prolongarão as estações dolorosas do Calvário! Eça vem a Lisboa em Março de 1881; procura deslindar o negócio: assenta-o em novas bases; Ramalho resgata os seus compromissos com Malheiro, e associa-se com elle nesta empreza de publicidade.

Poderiam acabar assim as torturas do

Eça de Queiroz — retrato por Columbano



pobre Eça? Ouça-se o suplicado. Diz assim a sua carta a Ramalho, datada de Angers, Hotel du Cheval Blanc, a 18 de Maio de 1882:

"Você lembra-se que ha catorze meses justos, em Março do ano passado, fomos á Tipografia Lallemand para combinar a impressão dos Maias. Lembra-se tambem que, a esse tempo, existiam já na Tipografia, depositados lá pelo Malheiro, os três primeiros capítulos do Romance, de que se tinham feito umas provas infames? Pois bem! Esses três primeiros capítulos, mais o quarto, mais o começo do quinto é tudo, absolutamente tudo, que até agora, depois de catorze meses, esse canalha do Lallemand tem imprimido!

"Depois de anunciar êste simples facto, tão cruelmente eloquente, tudo mais que eu pudesse acrescentar seriam festões e ornatos. Pois eu não lhe falo do que tenho suportado a essa corja: as fastidiosas demoras de provas, as páginas de original saltadas em claro na composição, o grosseiro desdém por todas as minhas reclamações, o bestial propósito de nunca responderem ás minhas cartas, os desleixos de trabalho que deixam as folhas impressas maculadas de êrros, etc., etc., etc..."

"Tudo isso, repito, é nada perante o facto grosso: em catorze mezes, quatro capítulos impressos e o começo de outro! E note-se, querido Ramalho, que isto foi quasi tudo feito num fugitivo momento de actividade, aí por Setembro, depois de eu lhes ter chamado numa carta, de ladroes..." "Por outro lado, para não sobrecarregar a typografia, eu, que trabalho principalmente sobre as provas, tenho-me absteido heroicamente de emendar á larga. (Devo fazer uma excepção para as últimas provas que remeti, realmente bastante alteradas). Mas levei o sacrificio mais longo: dispensei as segundas provas! Não recebo segundas provas, mas logo provas de página, fixas, que não permitem alteração. Tudo isso para quê? Para ter, no fim de catorze meses, quatro capítulos impressos!"

A cólera, a verdadeira cólera, tão pouco do seu agrado, sacode-o:

"Meu querido Ramalho: eu creio que em catorze meses essa canalha tem provado, superabundantemente, a sua incompetência, ou a sua desorganisação, ou a sua má-fé..."

E, reflectindo em tantas desgraças juntas:

"O livro deveria estar quasi todo impresso. Devia estar mesmo na rua. Temos

perdido uma oportunidade esplêndida — a falta de novidade no mercado».

E, voltando á carga:

“Para mim, esta absurda luta com uma tipografia, estas provas que é preciso arrancar á força de cartas e de telegramas, esta tediosa suspensão de semanas, entre cada página, tem tido um efeito desastroso: como artista, tem-me enervado, tem-me desmoralizado. Estou terminando o romance, sem paixão, quasi sem gôsto, e portanto sem veia».

A gente admira-se que a Eça não ocorresse como resultante duma acção estranha aos desleixos de tipografia esta demora toda: não haveria aqui intervenção de alguém que quizesse impedir a publicação? Não se teria já, desde a estada de Eça em Lisboa na primavera de 1880, falado tanto do romance que certos figurões da política, do jornalismo ou do *haut-monde* se sentissem visados na ficção artística? E o Poder mesmo, que impedira a publicação d’*A Batalha do Caia* e d’*O Conde de Abranhos*, não teria feito alguma coisa para embaraçar, para descoroçoar o escritor?

O que é certo é que nenhuma outra obra portuguesa consta ter tido percalços semelhantes...

Felizmente, Eça não era dado á mania da perseguição. E, assim pensa:

“Não vejo a tudo isto, senão um remédio: ir Você á tipografia reclamar o meu original, reclamar as fôlhas impressas, pagá-las, e levar tudo a outra tipografia mais apta e mais honesta, para se continuar lá a publicação. Isto é a única cousa razoável. Qualquer tipografia pode obter papel igual, tipo igual, feitiço igual ao das fôlhas já impressas: e qualquer tipografia terá de certo mais decência e melhor fé».

Pela carta de 3 de Junho — ainda de Angers, — vê-se que Ramalho falou ao dono da tipografia, Lalemant, que obteve uma explicação, que as culpas recaíram sobre um tal Silva, que devia ser o chefe da officina — “o objecto Silva», diz Eça — e que nova esperança renasceria.

Entretanto Eça anuncia: “*Os Maias* estão nestas alturas: primeiro volume com excepção dum capítulo, creio, em poder do Lalemant: segundo volume, na forja».

Mas julga, como de costume, a sua obra com receio:

«Eu não estou contente com o romance: é vago, difuso, fora dos gonzos da realidade, sêco, e, estando para a bela obra de arte, como o gêsso está para o mármore. Não importa. Tem aqui e além uma página viva — e é uma espécie de exercício, de prática, para eu, depois, fazer melhor».

E ajunta:

“O que não vai bem, todavia, é a saúde. A nevrose está comigo, creio eu... “O que me incomoda mais é uma falta de alegria, de espaço e de ar diante de mim, e aquela atmosfera de esperança e desejo que azula o futuro; vejo tudo pardo: má condição para trabalhar... Enfim a vontade é um grande instrumento, e possa Deus conservar-mo forte e firme na mão».

Infeliz Eça! Não estão acabadas as suas consumições...

Cá está êle em nova carta de Bristol, a 19 de Julho de 1882:

“Há já certamente dous meses que eu recebi uma carta sua, sobre *Os Maias*, contendo as últimas promessas do Lalemant — *actividade incessante! dous tipógrafos especiais para êste serviço! Provas, succedendo-se sem interrupção!*...

“Escuso de lhe dizer que, desde essa carta sua, não tive, ainda nestes dous meses, *notícias da tipografia!* Isto é, tive; e pior que se não tivesse: nestes dous meses mandaram-me uns velhos graneis de provas, que eu já em Janeiro tinha laboriosamente revisto e emendado, e êles remeteram-me êsses graneis intactos, sem as emendas feitas, no seu primitivo estado!! Eu devolvi-os, com duas ou três palavras de explicação — explicação polida, dizendo que êsses mesmos graneis deviam existir na tipografia já emendados por mim — e, desde então, (isto passou-se há um mês) não tornei a ter notícias do Lalemant».

Não parece tratar-se dum pesadêlo? Não há aqui um capítulo de martirologio, para cingir de esplendores a cabeça de S. Eça?

Pois profunde-se o caso — único nos anais da Literatura em relação com as Artes de Gutenberg:

“Eu, meu querido Ramalho, não sei já o que lhe hei de dizer; repetir-lhe que uma tão infame delonga (dous anos quasi, dous anos no próximo Outubro! para compôr quatro capítulos!) me causa um grave prejuizo, que me é impossível estar fazendo uma obra de arte e estar lutando com um impressor velho — dizer-lhe tudo o mais que eu lhe poderia dizer, (e calo-o para não fazer uma ladinha de justas queixas) seria inútil porque você o sabe, e o sente. Portanto não lhe digo nada».

Dir-se-ia que o fôlego lhe faltava! Mas volta:

“Digo-lhe só isto: o Lalemant deu-lhe a Você a palavra de honra há dous meses, que tudo ia entrar em ordem; Você, na sua carta, assegurou-me, em seu nome, que tudo ia entrar em ordem. A ordem consistia em que a tipografia ia, enfim, imprimir original: dous meses passaram; a tipografia não imprimiu uma só linha!...”

Ramalho responde. As coisas não melhoraram. Eis o comentário de Eça, a 12 de agosto:

“Agradeço-lhe o ter ido de novo afrontar o cinismo do Lalemant e o sub-cinismo do inferior Silva. Mas, pelo tom de resignação, e mesmo de melancolia, da sua carta, vejo que não há nada a esperar. Isto é, há a esperar isto: que, se Deus nos der a tôdos vida e saude, cada dous meses eu lhe escreverei uma página de queixumes, Você irá á rua do Tesouro Velho, o Lalemant chamará o objecto Silva, trata-lo-á como o último dos últimos, e far-se-me-á de novo a promessa solene que dá por diante dous tipógrafos serão exclusivamente empregados, etc., etc. É o que succedeu há dous meses, é o que succedeu agora — porque a sua carta é, nem podia deixar de ser, a repetição da última que recebi, descrevendo uma cêna igual — “o Silva interpelado de olhos no chão» etc.»

E, respondendo a certas considerações de Ramalho:

“Enfim não falemos mais nisto: seria grotesco estar a discutir detalhes, quando temos êste resumo decisivo: — em 18 meses, quatro capitulos de 30 páginas cada um!!”

Mas, tomando paciência ainda:

“Eu tinha já recebido uma epistola do desgraçado Silva, em que essa enxovalhada flôr de patifaria me confessa que “o livro vai atrazado», e, portanto faz uma promessa, a sagrada promessa, que daqui por diante “dous tipógrafos serão, etc., etc.». Dá-me também a respeito das provas, cuja falta acusei, uma explicação ingénua, que se resume em que as “extraviaram na tipografia!»! Eu remeto sempre as provas seguras e registadas, duplamente, como se fôsem títulos de dívida dum milhão. Não há, pois, maneira de se extraviarem. Essas, a que aludo, fôram igualmente colocadas sob essa especialíssima protecção da posta inglesa — mas não escaparam á confusão da officina Lalemant. A carta do Silva vinha acompanhada — como prova de novo zelo — dumas provas de composição. O zelo fôra tão excessivo que as provas vinham ininteligíveis — sendo o seu menor defeito que tinham saltado em claro umas cinco tiras de original! Assim, aqui está a situação: quando remeto original, não o imprimem; quando, por acaso, o imprimem, perdem as provas; e, quando, por um duplo e extranho caso, imprimem e não perdem — as provas que me mandam são uma tal mixórdia, que, como recentemente, sou forçado a devolvê-las. Situação satisfatória, não é verdade?

“Enfim, como não há nada a fazer, segundo se depreende da sua carta, instalemo-nos o mais confortavelmente possível numa suave resignação».

Eça estava exausto! E nós também cansados — só de lê-lo...

Não o podemos dizer como ponto averiguado — mas quem sabe se, desta vez, é que Eça teria razão para pedir indemnisação no Ministério, e senão ao ministério dos Estrangeiros, ao do Reino... Onde se sumiam as provas? Quem conhece a história dos gabinetes secretos de censura, não deixará de supôr...

De contrário terá de imaginar-se que a tipografia Lalemant era uma sucursal de Rilhafoles!

Anunciara-se o romance como uma série de escândalos — escândalos da imprensa venal, escândalos de torpe e grotesca política, escândalos de adultérios da Alta Sociedade — que admirar que influências se movessem para abortar a terrível *machine d’Os Maias*?

Há outra hipótese: a de que os editores de Portugal quizessem desanimar, para sempre, os nossos grandes escritores que tentassem libertar-se da sua dependência, editando por conta própria...

Mas o que não pode é aceitar-se esta tragédia d’*Os Maias* como uma coisa trivial e sem especial significado.

E vai passar-se ainda mais um ano!

Ao cabo, Eça regressa, como o filho pródigo, á Casa... Chardron.

LOPES D’OLIVEIRA.

HÁ quasi vinte anos, quando o sábio Wagner-Jauregg, agraciado com o Prémio Nobel, começava a usar bacterias de malária para o tratamento da encefalomalacia, supôs-se haver chegado uma nova época para a medicina. Na realidade, tratava-se apenas da realização de um pensamento apresentado em época muito remota.

Devemos ter presente que o médico grego Parmenides declarou quinhentos anos antes de Cristo:

«Eu poderia curar tôdas as doenças se os deuses me dessem força para produzir febre».

Ainda que não tôdas algumas enfermidades têm sido debeladas há séculos, mediante a elevação de temperatura produzida artificialmente por meios simples como banhos e resguardos.

Produzir a «febre artificial verdadeira», ante uma infecção com bacterias de malária e assim combater diversas enfermidades infecciosas como a paralisia geral e outras, foi a grande ideia de Wagner-Jauregg, e disto se desenvolveu, entretanto, um novo ramo da medicina.

No transcurso dêste tempo chegou-se a produzir febre artificial, por diferentes meios, como por exemplo, injeções de bacilos virulentos de tifo, preparações albuminas, ou extractos químicos.

No ano passado, realizaram-se dois congressos de médicos, um em Nova York e o outro em Berlim, em que se tratou quasi totalmente da «terapia da febre».

Era a expulsão do diabo por Belzebuth... Assim a infecção planeada com uma enfermidade grave de infecção como a malária, para desentranhar outra enfermidade, representa uma cura muito violenta que sob várias circunstâncias, pode fazer perigar a vida do paciente.

— Sucede que o emprêgo do bacilo da malária empregado, dá uma média de 8 a 14 por cento de mortes. Com algumas doenças podem surgir hemorragias provocadas por estas curas violentas. E' bom notar que em doentes de mais de 50 anos é muito perigoso seguir o curso da doença artificial.

A produção da «verdadeira febre artificial» por outros meios é ainda de menor segurança. A reacção provocada por meio de injeções de preparação albuminada pode trazer também desagradáveis conseqüências, porque age diferentemente sobre os doentes.

Vacinas ou remédios químicos originam freqüentemente apenas aumentos de temperatura de curto tempo, e, por vezes, nada. Em conseqüência de todos estes perigos na produção da febre por bacterias e meios químicos, voltaram os médicos alemães e americanos ao processo antigo de aumentar a febre do corpo por meio de ar quente e banhos quentes.

As experiências feitas em coelhos atacados de infecção deram bons resultados, obtendo-se dêste modo um aumento de temperatura de 42 até 44 graus. Chegou-se a obter bons resultados por meio de banhos quentes em várias doenças como infecções, paralisia, ciática e reu-

matismo-articular crónico. Seguiram-se nos últimos anos experiências dos americanos a-fim-de produzir altas temperaturas corporais por meio de diatermia que aquece o corpo, de fora para den-

capa do tecido e no interior do corpo sem sobrecarregar a pele o que nem a diatermia é capaz de conseguir nem por meio de agasalhos ou banhos.

Assim, sem incômodos consideráveis para o paciente, êste pode conseguir uma obra de febre de onda curta sem calafrios ou sintomas secundários por venenos artificiais levados ao corpo.

A reacção do corpo perante a febre-onda curta e o efeito sobre a enfermidade a tratar são os mesmos: os glóbulos vermelhos aumentam, e também os brancos — o que significa o reforço das defesas corporais. A circulação do sangue e a digestão aceleram-se, enquanto que a pressão pouco oscila; uma febre por onda curta repetida durante algumas horas fomenta a destruição dos germes da enfermidade.

Ora o lugar de quasi tôdas as doenças, não é na camada gordurosa, mas sim nos músculos, nos órgãos e, como em muitas enfermidades infecciosas, no sangue... Acresce ainda haver o perigo de, em virtude da acumulação de calor na parte exterior do corpo, se queimar a pele a pacientes que tenham forte transpiração.

Não levemos o nosso optimismo a julgar que tôdas as doenças podem ser curadas pela febre-onda-curta. Os Congressos de Nova-York e Berlim mostraram uma série de casos que sem dúvida alguma não podem ser curadas por êste processo. Porém muitos enfermos sem esperança de cura, encontraram-na ou pelo menos aliviaram os seus padecimentos com o tratamento desta nova classe de ondas, que até agora se conheciam só pelas transmissões do rádio e da televisão.

E com segurança se pode dizer que o aproveitamento prático da onda curta só começou a fazer-se com as applicações que se lhe estão a dar no ramo de medicina.

ANDRÉ LION.

A FEBRE ARTIFICIAL

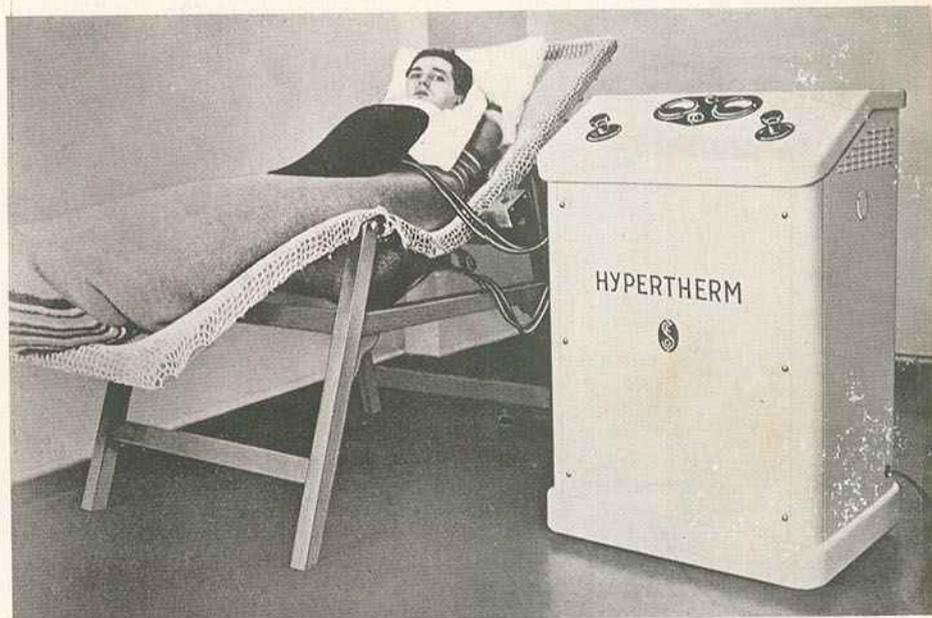
tro, provoca queimaduras na pele, e no armário quente delirium e outros sintomas alarmantes.

Como meio moderníssimo e mais seguro para produzir febre artificial entraram em acção há uns 7 anos as ondas eléctricas curtas de 6 a 20 metros de longitude, primeiramente na América, depois em França, mais tarde na Alemanha — as mesmas ondas curtas e ondas ultra-curtas, que na rádio e televisão desempenham tão importante papel.

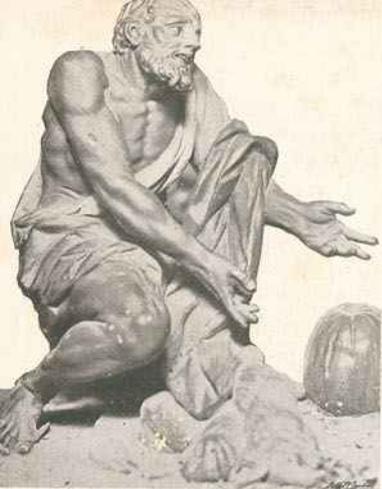
Há vinte anos foi descoberta casualmente a influência das ondas curtas sobre o corpo humano. Os mecânicos que trabalhavam perto dos tubos emissores da poderosa estação de ondas curtas W G Y em Schenectady queixaram-se, em dado momento, de dôres de cabeça, e de febre, embora ligeiras. Já nessa altura, êste fenómeno era aproveitado para vários *trucs*, como por exemplo, cozer ovos. Por uma coincidência característica, os médicos europeus fizeram quasi ao mesmo tempo os primeiros ensaios com a febre malária artificial.

Como falamos em cozer ovos no campo das ondas curtas, devemos salientar que, há tempos, foi substituída a chocadeira pela onda curta e chocar ovos por meio de ondas de rádio, dentro de 21 dias, isto é, com a mesma prontidão como na chocadeira ou no ninho da galinha.

Com a ajuda da onda curta pode-se elevar a temperatura do corpo dentro de certo tempo a uma altura determinada e mantê-la a esta altura por qualquer tempo. A grande vantagem da onda curta é o seu efeito penetrante sobre a



Produção de febre artificial por onda curta



Uma das mais expressivas figuras do Presépio da Sé

A história dos presépios portugueses é conhecida, desde a sua origem e o seu desenvolvimento em oficinas do sul, celas de convento, olarias populares e passatempos de amadores, até aos apuros dos santeiros do norte e ao pitoresco dos bonequeiros da aldeia. Nascidos na Provença — onde tão excelentes e cultas coisas de espírito se inventaram —, passaram-se a Itália e ao Tirol, e depois à Catalunha e sul de Espanha, penetrando em Portugal no século XVII, logo a seguir ao período felipino. Não cito a poética e cristã tradição de terem sido iniciados pelo Pobrezinho de Assis, por ser demasiado apregoada tão saborosa história. É lógica, portanto, a versão do tal costume ter vindo dos nossos vizinhos, com a maneira lenta de festejar

a «Natividade», diante de *belenes* humildes, como é justa a afirmação destes terem sido ensinados plásticamente aos nossos coroplastas, pelos artistas italianos aqui arribados e mais tarde chamados para o levantamento de grandes obras. É que na verdade os barristas portugueses só no século XVIII serviram com fé e gosto a sua inspiração, compondo grandes presépios como os de Nápoles, onde a cena maravilhosa do nascimento de Jesus, num estábulo pobre internado em ricas colunatas ou ruínas de palácio, revestido interiormente de nuvens recheadas de serafins e uma majestosa Glória de anjos entoando canções ao som dos mais variados instrumentos celestiais, contrastam no seu lirismo e na sua expressão divina, com as mil perpécias realistas e anedóticas dos pastores, dos namorados e dos festeiros, cada qual formando rancho à parte, correndo a adorar o milagroso acto ou deslumbrando-se com o sinal da salvação do Mundo. E são então de encanto a combinação dos grupos e da cenografia geral, a técnica minuciosa e sábia de cada imagem, a arquitetura das montanhas em cortiça ou torções até chegar ao céu em que se destacam mais querubins e estrélas, tudo recortado em pormenorizados acidentes onde se alcandoram castelos ou moinhos, se agacham fontes ou esconderijos de fidalgos, se cultivam engraçados factos da vida simples, merendas, matanças de cevados, bailaricos, namoros e festins de músicos, predominado em todos os presépios características figuras sempre repetidas, como os tocadores da safoa e da gaita de foles, o velho dos ovos e dos perus, o caçador, o garoto que trepa às pedras, o moleiro, o homem dos queijos e o pastor que vem depór no chão a ovelha da oferenda, raramente esquecendo a mulher do povo ajoelhada no primeiro plano e o

O DOCE ENCANTO DOS PRESÉPIOS

A propósito da «Exposição Barristas Portugueses»

anjo anunciador ao lado da mulinha e do boi da mangedoira, que carinhosamente se aproximam do berço divino, ladeado pela Virgem de mãos no peito e S. José deslumbrado e terno.

Muitos foram os presépietas portugueses no século XVIII. Pelo menos, tantos como os estatuários, visto serem os mesmos, educados nas escolas de Mafra e de Lisboa, que tão depressa bastavam um bloco de mármore, como talhavam a madeira ou modelavam a cêra e o barro, com amor igual a cada obra, no mesmo espírito e apurando-se na mestria dum técnica elegante, estilizada, definida e preciosa de arrebatamentos. E tão integrados no sentido do século se deliciavam em criar uma grande obra de harmonia, tão juntos trabalhavam e compunham as suas imagens, tanto procuravam irmanizar-se nas especializações que os seus temperamentos escolheram para o perfeito conjunto da obra traçada pelos mestres, que chegavam a confundir-se nas maneiras e nos jeitos de arte, sendo hoje deveras difícil identificar a obra de cada um, não assinada, conhecendo-se apenas o nome dos chefes de oficina e os dos seus principais colaboradores, os quais, de empresa para empresa, se mudavam, ajudando a obra total do século. hoje nas estátuas dum templo e depois nas minúsculas figuras dum maquineta ou dos agrupamentos dum presépio.

Assim, sabe-se que António Ferreira — o Ferreirinha de Chelas —, Machado de Castro, Joaquim José de Barros Leborão e outros mais foram autores de riscos e principais modeladores de presépios, com um típico modo de exprimir sentimentos e uma particular feição de lançar e golpear panejamentos, assim como de engenhar fantasiosas composições de anjos e agrupamentos fechados de personagens reais, mas no conjunto de cada presépio, em que figuras há, repetidas e tão irmãs que parecem moldadas por uma só mão, combinadas numa exacta estrutura e até copiadas pelo mesmo modelo, difícil e bem difícil se torna jurar a quem pertencem, raras sendo os artistas e os críticos que conscienciosamente tenham estudo o assunto, para dizerem ao certo que este pastor foi modelado pelo Ferreira, aquele grupo combinado pelo Leborão, e aquela Glória foi idealizada pelo Machado, a quem lendariamente se atribuem sem justiça nem documentação, quasi todos os presépios do sul. E que naqueles tempos o trabalho esteve tão bem organizado para resultar formosos os blocos, que artistas houve especializados em determinadas figuras, chamados de oficina para oficina, consoante os dons que os distinguiam e lhes deram fomas, este mo-

delando o grupo da Virgem, do Menino e de S. José, aquele os cortejos dos Magos, aqueloutro os magotes de populares, e até uns para tornear os corpos roliços dos serafins alados, outros para talhar arquitecturas e só os aprendizes para revestir de torrões as montanhas, quedando aos mestres camara-das e ajudantes, o segredo de situar, embelezar e dar unidade à obra maior. Houve escultores, como João José Braga, especialista em gracilar os corpos franzinos de criança; o clérigo João Crisóstomo Policarpo da Silva, ganhador de primeiros prémios «nas academias de nú»; João de Almeida, desbastador de ornatos; Manuel Dias, a-quém chamavam o «Pai dos Cristos», pois com tanta pericia talhara as anatomias do Crucificado; Nicolau Vilela, compositor espontâneo de todos os motivos de que era incumbido pelos colegas, não deixando obra sua ou como tal considerada, até que na mais negra miséria lhe findasse a amargurada existência, o que não é para admirar muito desde que se saiba de Machado de Castro haver num escrito, chamando aos seus discípulos e colaboradores, «esfomeados Ajudantes». Além destes, muitos outros imaginários andavam na faina enternecedora de adornar altares de igreja, oratórios de casas fidalgas, celas de convento e festas de príncipes, com maquinetas guarnecidas de linda talha dourada, quadros em relevo, sob vidros, para suspender nas paredes, presépios grandes como o da Madre de Deus, da Estréla, do Sacra-

mento, da Sé, do Desagravo e outros há muito destruídos sem deixar memórias de origem.

No pequeno presépio do mosteiro de S. Vicente, pertencente hoje ao Museu das Janelas Verdes e agora exposto na «Exposição dos Barristas Portugueses», organizada pela Academia Nacional de Belas-Artes, e a propósito da qual se escrevem estas linhas, existe uma nítida lição de quanto se afirma até aqui. Ignora-se quem o delineou; e no entanto estão ali representadas em pequeninas figuras, a alma e as mãos daqueles que executaram outras figuras maiores do presépio do Desagravo, da Madre de Deus, da Estréla e até do Sacramento.

Poderá alguém afirmar ser esta peça dum ou doutro escultor de nomeada? Não, não! Os presépios lisboetas, por enquanto e por falta de documentações escritas, são de todos os barristas do século XVIII, como o altar com a «Morte de S. Bernardo», de Alcobaça e o baixo-relevo com a «Deposição», na Misericórdia da Vidigueira. O presépio das Necessidades, ali exposto também, foi modelado em parte, pelo autor da preciosa cavalgada dos Reis Magos, que se vê fechada, na

mesma exposição, dentro duma vitrina, e atribuída a António Ferreira. No entanto... toda a gente o diz de Machado de Castro, como à maioria deles, incluído e da família dos Marqueses de Borba, que se presume ser do Pai Assis. Ao certo só se sabe, por papéis, terem sido encomendados a Machado de Castro, o da Estréla e o que pertenceu aos Marqueses de Belas, hoje no Museu das Janelas Verdes. E sobre o da Sé também não há dúvidas, porque por ele está assinado, embora parte das figurações sejam muito posteriores. Mas também se conhecem alguns nomes de quem com o Mestre colaborou nessas obras. Logo, repito, as identificações são arriscadas. Pela província além o caso é idêntico. Uma ou outra peça tem a marca do autor, mas são poucas.



Pormenor do Presépio da Sé

Em Aveiro aparece o nome de José Dias; em Lamego, Manuel Machado; em Evora, Francisco Xavier e os Abreus; em Santarém, o trino Manuel da Teixeira; no Pôrto, Sousa Alão; em Coimbra, Domingos Brandão, etc., etc.

Desde a formosa imagem da «Virgem com o Menino», dos começos do século XVI, a escultura em barro mais antiga que conhecemos, patente na mesma exposição de agora, até aos bonecos de Estremoz e do Minho, existe um profundo mistério, que porventura maiores encantos dá à escultura portuguesa.

DIOGO DE MACEDO.



Aspecto do Presépio da Estréla



Um pastor do Presépio da Estréla



Vista do conjunto do Presépio da Sé



O Papa Pio XI

A imprensa alemã continuava a queixar-se do Vaticano, afirmando que o Papa tenta por todos os meios dificultar a acção do eixo Roma-Berlim.

Isto vem recordar o famoso Tratado de Latrão que veio solucionar a famosa Questão Romana que há tantos anos se arrastava, ante a mágoa de todo o mundo católico.

Mas estariam feitas as pazes entre o Quirinal e o Vaticano?

Devemos ter em conta que o Papa despojado do poder temporal, não poderia curvar-se a uma abdicção.

E como surgiu o poder temporal?

Ao que parece, começou a formar-se com as doações feitas pelo imperador Constantino ao clero romano no dia seguinte ao da sua conversão, pelo Edito de Milão (ano 315) e pelo feudo outorgado por Pepino o «Breve» ao Papa Estêvão II em 752, aumentado, mais

tarde, por Carlos Magno, em favor de Adriano I.

Depois, os Estados Pontifícios passaram por grandes vicissitudes: foram muitas vezes invadidos, reduzidos ou aumentados ao sabor da política. A sua existência legítima chegou a ser contestada com violência pelos imperadores alemães da Idade Média, e pelos gibelinos da Itália, entre os quais figurava o próprio Dante. Apesar de tudo, a soberania papal manteve-se através de todas as tempestades, até à Revolução Francesa.

Em 15 de Junho de 1798, o general Berthier proclamou do alto do Capitólio a República Romana. Neste dia começou para os Estados da Igreja a sua existência aventureira. Reconstituídos em 1801, sob o protectorado de Napoleão, desapareceram de novo em 1809; restaurados em 1814, no Congresso de Viena, são agitados pela Revolução de 1848, e prolongados durante vinte anos, pela intervenção do exército francês.

O Acto final do Congresso de Viena, de 9 de Junho de 1815, no seu artigo 105.º, restabelecia o poder temporal do Papa. Em 1860 eram arrancados ao domínio temporal da Santa Sé dois terços do seu território. Em 20 de Setembro de 1870 fechou-se o ciclo das conquistas para a unidade italiana com a absorção violenta do que restava dos antigos Estados Pontifícios.

Após a batalha de Sédan, em 20 de Setembro de 1870, as tropas italianas penetraram em Roma pela brecha da Porta Pia e deram fim, em aparência para sempre, a um regime milenar. Pio IX não cedeu à tentação da fuga que muitos lhe aconselharam. Como Papa romano ficou em Roma, e, encerrando-se no Vaticano, num solene protesto, declarou que não mais sairia enquanto não fosse feita justiça à Igreja.

Senhor em absoluto de Roma, o o Governo italiano promulgou a lei de 15 de Maio de 1871 sobre as Prerrogativas do Soberano Pontífice. Essa lei, além de uma dotação de 3.225 mil libras anuais (artigo 4.º) dava ao Soberano Pontífice o uso dos palácios apostólicos do Vaticano e do Latrão, com todos os edifícios, jardins e terrenos anexos, assim como Castel-Gandolfo, com todas as suas dependências (artigo 5.º). A residência normal ou temporária do Papa era inviolável (artigo 7.º) como fora de toda a acção política estavam os arquivos pontifícios (artigo 8.º).

Ora no *Syllabus* há, como contrárias à doutrina da Igreja, estas proposições no § IX.

Prop. 75 — «Os filhos da Igreja cristã e católica discutem entre si sobre a compatibilidade da realidade temporal com o poder espiritual».

Prop. 76 — «A anulação da soberania civil que a Santa Sé possui serviria mesmo muito a liberdade e a felicidade da Igreja».

Pio IX

A DIPLOMACIA PAPA PIO XI

O QUIRINAL A SANTA SÉ COMO SE SOLUCIONOU A QUESTÃO ROMANA

Pio IX já por três vezes fôra solicitado a abdicar do poder temporal: a primeira vez em 18 de Setembro de 1861, quando Cavour propusera à França e ao Vaticano um projecto que era *mutatis mutandis*, o que nove anos depois havia de ser a Lei das Garantias; Pio IX recusara subscrever tal disposição; a segunda vez foi em 24 de Janeiro de 1868, quando lhe foi oferecida a plena soberania num Estado restrito — o Vaticano e a cidade Leonina, com 15 mil habitantes; Pio IX rejeitou; a terceira vez, em 29 de Agosto de 1870, com o projecto do conde de San Martino; Pio IX rejeitou.

Veio a Lei das Garantias: concedendo ao Pontífice alguns atributos ordinários dos soberanos, não lhes reconhece o carácter de soberano *sensu proprio* — como dizem os tratadistas.

Do soberano *territorial e pessoal*, o Papa passou a ser apenas um soberano *pessoal*.

Perante essa lei, Pio IX protestou, chamando-lhe «Lei de hipocrisia e iniquidade». E a primeira vez que lhe apresentaram a dotação que o Governo italiano lhe destinara, rejeitou-a, dizendo que só poderia aceitá-la a título de restituição.

A Igreja não aceitava a «Lei das Garantias»: 1.º, por ser puramente nacional, isto é, dependente das vontades móveis da maioria do Parlamento e, portanto, uma lei susceptível de ser modificada ou anulada; 2.º, por ser baseada sob a soberania do Estado de Itália que se considerava como proprietário do palácio do Vaticano; 3.º, por não assegurar ao Papa uma independência real e suficiente.

Leão XIII, logo em 28 de Maio de 1878 (fôra eleito Papa em 20 de Fevereiro e coroado em 3 de Março), na sua Enciclica *Incrustabili Dei consilio*, reclama «aquele estado de coisas, *eam rerum conditionem*» em que a Providência colocara outrora os Pontífices romanos. E renova e confirma as declarações e protestos de Pio IX, não só contra «a ocupação do poder temporal, *occupationem civilis Principatus*», mas contra a violação dos Direitos da Igreja.

E na Enciclica *Etsi nos* (15 de Fevereiro de 1882) volta a referir-se ao poder temporal de que está espoliado. E na carta ao cardinal Rampolla, de 15 de Junho de 1887, o Pontífice expõe largamente a sua maneira de pensar: deseja a paz, «o fim dêste dissentimento».

«Mas não basta — diz Leão XIII — modificar ou derrogar leis hostis.»

Que deseja então?

«A condição indispensável da pacificação da Itália era a restituição duma verdadeira soberania ao Pontífice romano.»

E, aludindo ao aparecimento daquilo a que chama o *Principado civil* dos Papas, escreve: «hoje ainda, nos desígnios da Providência, a soberania civil dos Papas é ordenada como meio para o exercício regular do seu poder apostólico, como sendo aquela que eficazmente lhe garante a liberdade e a independência». Reclama Roma: «aqui, de preferência, é necessário que êle seja colocado numa tal condição de independência» que não só a sua liberdade seja sem embaraços, mas todos vejam que é livre. Depois refere-se aos projectos dos homens políticos para se modificarem as coisas. «Vás e inúteis tentativas» lhes chama. E ensina: «o único meio de que a Providência se serviu para defender como convinha a liberdade dos Papas foi a soberania temporal».

Faz frente à objecção de que «para restabelecer a soberania pontifícia seria preciso renunciar a grandes vantagens já obtidas e desprezar progressos modernos e recuar à Idade Média». E pergunta: a que é que se opõe a soberania pontifícia? «Indubitável é — responde — que as cidades e as regiões que estiveram submetidas ao Principado civil dos



Victor Manuel II

Pontífices foram, por isto mesmo, preservadas, mais de uma vez, de sujeição ao domínio estrangeiro».

Mas como possam invocar a unidade do Estado italiano, Leão XIII diz que, ainda mesmo que essa unidade fôsse quebrada, é caso para se perguntar «se esta condição da unidade constitui para as nações um bem tão absoluto, que sem ela não haja nem prosperidade, nem grandeza, ou tão superior que deva prevalecer sobre tudo».

Em 1889 (24 de Maio; 30 de Junho), em 1891 (14 de Dezembro); em 1895 (8 de Outubro), Leão XIII afirmou sempre a mesma doutrina.

O seu sucessor Pio X, em 1905 e 1906, insistiu na mesma orientação.

Bento XV, em 1 de Novembro de 1914 e em 6 de Dezembro de 1915, segue as pisadas dos seus antecessores. Na sua Enciclica de 25 de Maio de 1920 (*Pacem, Dei*), para que não houvesse ilusões, depois de dizer que seria possível temperar um pouco a severidade das condições impostas pelos Pontífices aos soberanos católicos nas suas visitas a Roma, afirma solenemente: «nunca a condescendência da nossa atitude deverá ser interpretada como uma abdicção tácita pela Santa Sé dos seus direitos sagrados».

Era esta a doutrina dos Pontífices. E a dos pensadores da Igreja? O padre Yves de la Brière, uma autoridade incontestado na matéria, ensinava que a principal razão dos protestos de Pio IX, Leão XIII, Pio X e Bento XV estava em que a Lei das Garantias era uma lei unilateral, imposta pela Itália, italiana apenas.

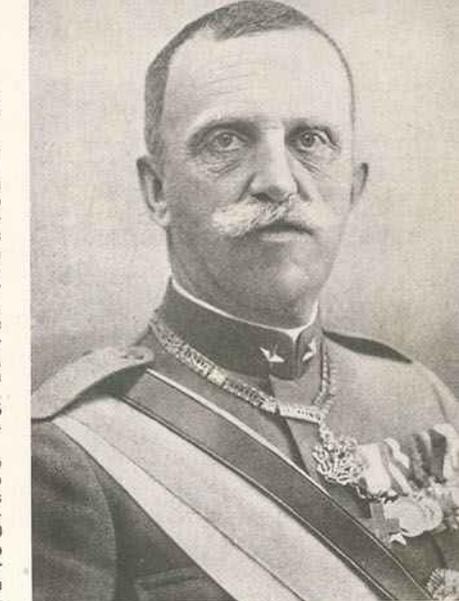
«O Vaticano — dizia êle — procurava internacionalizar o problema das garantias da independência pontifícia, enquanto que o Quirinal e a Consulta teimavam *italianizá-lo*».

Finalmente Pio XI, no dia da sua eleição, rompendo resolutamente com as tradições dos seus predecessores, saiu à *loggia* da basílica de S. Pedro para abençoar a multidão.

Assim foram criadas, após uma lenta evolução de espíritos, as condições favoráveis a um acôrdo entre o Quirinal e o Vaticano.

Pio XI encontrou a solução: «A Igreja deixava de reivindicar a restituição dos Estados pontifícios ou a soberania sobre a cidade de Roma, não renunciando, no entanto, ao princípio de que a independência do poder espiritual exigia um território sobre o qual o Papa fôsse soberano».

E, assim, segundo o famoso Tratado de 7 de Fevereiro de 1929, o Estado italiano reconhece plena propriedade, autoridade absoluta e jurisdição soberana da Santa Sé no Vaticano. Cria a Cidade do Vaticano colocada sob a exclusiva autoridade da Santa Sé; estipula a construção de uma



Victor Manuel III

estação de caminhos de ferro na mesma cidade, organizando os serviços telegráficos, telefónicos e postais, ligando directamente o Vaticano com os outros Estados; considera a Cidade do Vaticano como um território neutro e inviolável. E, por fim, entrega à Santa Sé 750 milhões de libras e deposita títulos de renda de cinco por cento ao portador no valor nominal de um bilhão.

Foi tudo isto o que a diplomacia do grande pontífice Pio XI conseguiu sem que a sua atitude pudesse ser, em caso algum, considerada como uma abdicção.

Mais uma vez se verificou que o exemplo do ôvo de Colombo é dos mais salutares e profícuos nas grandes ocasiões.



Mussolini



Dr. Pereira e Cunha

Um recente artigo do sr. dr. João Almemra, lembrando o alto espírito do dr. Manuel Augusto Pereira e Cunha, leva-me a tentar evocar esta eminente figura de português com a qual, por felicidade, pude conviver nos últimos anos da sua vida.

O sr. conselheiro dr. Manuel Augusto Pereira e Cunha, nascido no dia 15 de Outubro de 1855 na importante freguesia de Atei de Basto e falecido na mesma em 19 de Janeiro de 1937, com 81 anos de idade, formado em direito pela Universidade de Coimbra no ano de 1876-77, e eleito pelo círculo de Cabeceiras de Basto, foi Par do Reino e desempenhou os cargos de administrador em Mondim de Basto e Vila Real, de secretário do Governador Civil na cidade da Horta e Santarém e de Governador Civil em Faro, no Porto e em Lisboa.

O sr. dr. Pereira e Cunha, que era um homem culto, bem educado e de uma energia que a sua aparência física parecia desmentir, foi uma das celebridades que, nos últimos anos da Monarquia, transitaram do Governo Civil do Porto para o de Lisboa.

Os seus íntimos amigos Hintze Ribeiro, Wenceslau de Lima, e outros, que foram presidentes do Conselho da Monarquia, diversas vezes teimaram com ele para que aceitasse uma pasta de ministro, o que ele já mais quis, porque mantinha uma única aspiração: a de partir para o Egipto a desempenhar o cargo de juiz nos Tribunais Mistos. Essa aspiração realizou-a ele plenamente, pois chegou a ser presidente daquele tribunal.

O dr. Pereira e Cunha foi, de facto, como muito bem disse o sr. dr. João Almemra, uma das inteligências mais cultas da velha geração coimbrã. Está aí, felizmente vivo ainda, o prof. Ricardo Jorge que um dia afirmou ter sido o dr. Pereira e Cunha um dos espíritos mais fulgurantes, se não o mais fulgurante da sua época.

Condiscípulo e amigo constante do grande poeta conde de Monsaraz, amigo dilecto e igualmente condiscípulo do alto

espírito que foi Gonçalves Crespo, que a morte tão cedo ceifou, Pereira e Cunha foi um dos amigos mais íntimos que António Cândido, — o orador insigne de uma Raça, formado também em direito um ano depois d'ele, isto é, pelo curso de 1877-78 — sempre teve.

No seu espólio encontram-se cartas curiosas de António Cândido, o artista sublime da palavra, a águia gloriosa do Marão.

Sigamo-las. Em 28-8-904, em carta dirigida já para o Egipto diz:

"O José Luciano está visivelmente melhor: não sei o alcance das melhoras obtidas, porque não sei se são irremediáveis os estragos feitos pela doença.

"O Hintze, ministro de todas as pastas, com a sua resistência de aço, vai remando a favor e contra a maré, e não me parece que esteja cansado. E todo o Portugal se resume nestes dois homens, como sabes. Diz-se que haverá substituição ministerial dentro de breve prazo, e que a nova situação presidirá o P. de Miranda. Pode ser. Os embargos não lhe hão-de ser postos pelo Hintze: a minha dúvida principal é se o J. L., que o propõe e indica, o quer..."

Em 12 de Maio de 1905 escreve: "Tem havido mosquitos por corda na política deste interessante país; quando receberes esta carta, já deves saber tudo.

"Alpoim de pernas para o ar; José Luciano, espécie de Luiz XI, com as mãos na corôa, para que lhe não usurpem; Hintze Ribeiro, sempre correcto, e, além disso, sempre hábil, sustentando o governo como a corda... sustenta o enforcado; o contracto dos tabacos impendente como uma ameaça de morte sobre a actual situação, e talvez sobre a que de futuro vier..."

"É bonito isto!

"Hoje, 12 de Maio deste ano da graça, lê-se o dec. de adiamentos das Côrtes até 16 de Agosto. Talvez o calor derreta tudo antes de chegado o termo do adiamento. Temos falado muito em ti, eu e o H. R. Escusado será dizer-te que te recordamos com saudade..."

Esta agora, escrita da sua humilde aldeia de Candemil, nos contrafortes do Marão, em 12 de Outubro de 1910, seta dias após a proclamação da República, não podemos deixar de a transcrever na íntegra:

"Querido amigo

"Vivo. Como o abade de Sieyès diria depois do terror, consegui atravessar os trágicos dias da Revolução. Estou incólume e são... fisicamente. Corri grandes perigos, mas pude chegar a esta montanha sem grandes enxovalhos ou insultos. Não sei o que me espera.

"Seja o que for, sinto-me resigado a tudo. É possível que me aposentem. Tenho este direito: favor, não peço nem aceito.

"Morri para tudo, prêso às tradições e responsabilidades da minha vida. Parece que a ordem se restabelece pouco a pouco: não sei, porém, se a corrente que quer uma Republica ordeira e con-

DA SERRA DO MARÃO GRANDE PIRÂMIDE

A personalidade do Dr. Pereira e Cunha

Desabafos de António Cândido ao seu amigo

servadora, vinga ou não. Enterneceu-me profundamente o teu cuidado em mim.

"Porque não quis Deus levar-me antes desta mudança tão brusca e radical?!

"Abraço-te estreitamente, e com todo o meu coração.

"Teu velho e pouco feliz amigo sempre grato — António Cândido.."

Em 10-9-911 já ele diz: "Talvez lá (em Lisboa) nos encontremos: o que será muito agradável para mim, que tenho saudades de ti, e que muito estimaria conversar contigo sobre assuntos do nosso desgraçado país. A fortuna foi-te propicia.

"A tempo te puzeste fora desta terra, sobre a qual um mau destino continua a entornar infortunios de toda a espécie.

"Foi-te propicia, e foi justa. Merecias que ela te tratasse bem.

"Neste desabar de tudo, no meio de tanta insegurança, de tanto receio do presente e do futuro, e na negra perspectiva do que à minha pátria estará reservado por seu mal — só ambiciono que a morte venha, sem o seu pior cortejo, e em boa hora.."

Esta carta é edificante para a interpretação do drama íntimo em que António Cândido se debata ante os males crescentes da vida nacional, como elle dizia numa das suas cartas.

Em 29-8-912, confessa elle: "Passo o tempo a lêr; e consigo assim distrair a minha atenção das calamidades da hora presente.."

Em carta de 20 de Julho de 1918 acrescenta: "Extinguiu-se a minha família (com a morte duma irmã). Viver além de certo limite, é vêr morrer os outros!

"Oxalá que possas vir à nossa terra no ano próximo, e que eu viva ainda nesse tempo para te vêr e abraçar na minha pobre casa de Candemil.

"Falaremos muito sobre as mil coisas que se têm passado nesta nossa malaventurada pátria, e recordaremos com saudade outros tempos mais felizes. Com que acertada inspiração deste à tua vida o destino que ela teve. Tu estás aí, e onde quer que estejas, vives pelo coração e pela alma na pátria que conheste e amaste: nós, forçadamente exilados dentro dela, temos padecido e padecemos o que não é para se dizer numa carta!

"Paciência, paciência..."

"Pouco me dizes de ti; mas a tua carta, trazendo-me o afecto e a saudade dum dos melhores amigos que tenho ainda, deu-me grande gosto, e consolou a minha sempre dissaborida sensibilidade, dia a dia mais enferma e caída.."

Em 1919, — em cujo limiar, António Cândido, que fora seu padrinho de doutoramento, acompanhava em tarde de infinita melancolia aos Jerónimos que o consagrava, Sidónio Pais, no seu dizer "a última esperança deste país, — diz em carta, a 29 de Dezembro:

"Não quero que termine este funesto ano de 1919 sem te mandar com os meus votos pela tua saúde e prosperidades no ano próximo, um estreito abraço afectuoso e saudosíssimo.

"Que longas conversas teríamos se nos tivéssemos encontrado!

"Falaríamos principalmente do nosso tempo e do nosso país.

"E seria triste a nossa conversa, porque o tempo é desgraçado e o meu país cai, de hora a hora, numa miséria sem fundo e sem nome. Vai fallando toda a gente da antiga sociedade. São raros os homens do nosso tempo que ainda vivem ou aparecem.

"A vida é uma desolação: principalmente para quem conheceu as facilidades e encantos doutras sociedades e doutra convivência.

"Meu querido amigo: és sempre presente ao meu coração e ao meu espírito: parece que, à medida que fallam os nossos amigos, colhidos pela morte, se concentra nos que restam o interesse e o affecto dos que partiram.."

E em 1921, em 11 de Setembro: "Querida ver-te e abraçar-te antes da tua partida para o Egipto e antes da minha par-



António Cândido

tida para a longínqua viagem que não pode adiar-se muito; mas eu que não posso dar o passeio dum quilómetro sem um braço amparador, empalideço só de me imaginar na crista destas serras que outrora transmontava com a maior facilidade!

"Enfim, parece-me tristemente que nunca mais te verei. Pena foi que nos não encontrássemos em Entre-os-Rios; e se eu tivesse uma vaga indicação de que irias lá demorar-me os dias precisos até à tua chegada.

"Tens razão, meu querido amigo: a vida social e política neste país é deveras asfixiante, e deves agradecer à Providência a inspiração que tiveste de sair daqui a tempo.

"Eu considero felizes os que a própria morte libertou deste inferno! Dizes-me que será esta a tua última viagem para Alexandria. Creio que fazes bem, prevenindo o caso duma grande doença tão longe, e compreendo que queiras esperar na tua casa e na tua terra a hora de Deus, que é como Bossuet chama à hora final; e a Deus praza que ela sêe muito tarde para ti.

"Eu tenho estado muito doente desde que cheguei aqui a Lisboa, com um formidável ataque de fígado. Isto explica-te o meu silêncio. Os achaques acumulam-se na velhice: são os *avant-coureurs* da tragédia final, que, aos 70 anos, se tem como próxima, iminente.

"E' verdade que o ultimo tempo tem sido dolorosíssimo e funesto; e o que me resta a viver já não pode trazer-me senão amarguras e mais desgostos. Paciência. Curvo a cabeça convencido de que o pior está passado.."

Aqui renasce uma fé portuguesa e viva no espírito do homem que, membro do antigo grupo "Os Vencidos da Vida", dissera:

"E não vir um Homem, meu caro Pereira e Cunha, que milagrosamente salve o país?!"

A sua ultima carta é de 30 de Abril de 1922. Refere-se à homenagem que lhe foi prestada na Academia de Ciências de Lisboa, em 30 de Março de 1922, e, durante a qual, António Cândido produziu um magistral discurso de agradecimento. Ei-la: "Meu querido Pereira e Cunha.

"Penhorou-me e enterneceu-me o teu telegrama.

"Isto foi uma cousa inesperada e desproporcional: mas muito consoladora à minha desalentada velhice.

"Senti que não estivesses aqui; estava na minha alma a lembrança de todos os meus amigos, entre os quais tão alto lugar tens e terás sempre.."

A 24 de Outubro dêsse ano António Cândido morria sem que lhe fôsse dado ver surgir o Homem que milagrosamente havia de salvar a Nação.

Com elle morrera também o seu desalento sincero e justificado ante os males crescentes da vida nacional.

Ao fidalgo da palavra e príncipe dos



A grande Pirâmide

oradores da terra portuguesa não foi, pois, dado apreciar em toda a sua resplendente grandeza e fulgôr, o Homem por quem elle ansiava.

Mais feliz foi o Dr. Pereira e Cunha, a quem parece estarmos ainda a ver o sorriso da esperança e de íntima satisfação que lhe sentimos ao ouvir-lhe comentar a carta que o conselheiro João Franco, o último presidente do Conselho de El-Rei D. Carlos, lhe dirigira, pouco antes da sua morte, à Centreza nacionalista do Portugal Novo.

No seu espólio há também cartas de António de Monsaraz, as mais numerosas. Impossibilitados, por falta de espaço, de lhes fazermos largas referências, não resistimos, porém, à tentação de transcrevermos parte desta, de 1904:

"O nosso amigo José Luciano piorou a ponto de se julgar em grande perigo a sua preciosa vida. O desgraçado racaíu na insensibilidade completa das pernas, tem lesada a medula, e na complicação de vários e antigos padecimentos agravados, julgam os médicos impossível salvá-lo.

"Pode durar muito tempo este período extremo de sofrimento, mas o desenlace há-de ser fatalmente a morte, que também pode ter o cuidado de o levar depressa.

"E nesta angustiosa situação conserva lucidíssimo o cérebro, que assiste serenamente, filosoficamente à derrocada!

"Pois foi agora, vendo-o perdido entre as tempestades das dissidências partidárias a surgirem-lhe em volta do leito, que o Hintze Ribeiro acaba de lhe dar uma façada brutal; reñina o Conselho de Estado para ser ouvido sobre a dissolução das Câmaras e dissolveu-as sem ter com o velho chefe do partido progressista, a quem tanto deve, a amabilidade de o prevenir de tão insólito acontecimento!

Isto com tal frieza e desdém, que conseguiu irritar os seus próprios correligionários, alguns dos quais censuram amar-

gamente êste facto deshumano! O José Luciano, habituado como estava à cortezia recíproca entre chefes que se diziam amigos pessoais, sofreu muito e teve esta grande frase, quando leu o convite para o Conselho de Estado: «O leão está moribundo; o coice do burro feriu-me no coração!»

«Hoje reünem-se em casa dêle os irrequietos marechais do partido progressista, para tomarem uma resolução definitiva a respeito das próximas eleições. O que resolverão aqueles malucos?»

«Pobre José Luciano, que não pode ter, como qualquer simples cidadão, a vulgar consolação de morrer em paz!»

«Dizem por aqui também que o Hintze te escreveu pedindo-te o favor de regressar à Pátria para cuidares das eleições! Não poderás também tu gozar em paz as delícias do teu novo cargo?»

Numa outra carta, tôda íntima e particular, confessa-lhe:

«Estivemos os dois (António de Monsaraz, autor da carta e José Cabral também formado pelo curso de 1876-77. Do segundo, cedo levado desta vida pela terrível tuberculose, disse António Cândido: «aquele esbelto e inteligentíssimo rapaz que nós queríamos tanto, e a quem a vida fez as mais belas promessas a que depois faltou. Que desgraçado!»)

«Do nosso tempo, não conheço ninguém que fôsse tão perseguido e perseguido sempre, por uma fatalidade implacável! Entregues ao prazer intelectual de ver os lindos quadros da vida oriental feitos pela tua pena, concordámos afinal que tu tens um belo cérebro de escritor, muito do teu país e da tua raça. Que delicioso livro tu és capaz de fazer, se quizeres, todo embebido de observação e firmemente tocado de sentimento e ironia!»

Hintze Ribeiro, o prestigioso chefe do partido Regenerador, onde Pereira e Cunha sempre militou como figura de primacial destaque, mantinha por êle especial admiração.

Em 1904, ao ser-lhe oferecida a Grã-

-Cruz de Cristo, Hintze Ribeiro escreveu-lhe a seguinte carta:

«Meu caro Pereira e Cunha:—As insígnias que lhe mando da Grã-Cruz de Cristo que El-Rei lhe conferiu, são o referendo do ministro e do amigo às grandes qualidades e aos extraordinários serviços que o Chefe de Estado lhe reconhece prestados à Monarquia e ao País.

«Mais do que eu lhe poderia dizer, que nunca poderia ser bastante mostrar-lhe o consenso de todos, quanto, felizmente, vale a inteligência e a vontade, a honradez e o trabalho.

«Cordealmente o abraça

Hintze Ribeiro.

Entre as numerosas condecorações que foram oferecidas pelo Governo egípcio e pelo Rei Eduardo VII e Rainha Vitória ao dr. Pereira e Cunha avultam as de Grande Oficial da Ordem do Nilo e a de Grande Oficial da Ordem Real da Vitória.

Entre as condecorações concedidas pelo Governo português destaca-se a da Grã-Cruz da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila-Viçosa, cujas insígnias lhe foram cedidas pelo próprio Rei D. Carlos, que as usara, em homenagem ao seu monarquismo prestante e intransigente.

Era ainda Grã-Cruz da Real Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Real Ordem Militar de Aviz e Cavaleiro da Grã-Cruz da Real Ordem de Isabel, a Católica.

O Senhor Conselheiro Pereira e Cunha conviveu muito com o Rei e a admiração que por êle mantinha nunca deixou de a significar em cartas escritas à Rainha D. Amélia, para terras de exílio, tecendo mesmo uma espécie de idolatria à volta da figura do infeliz Monarca.

A sua fidelidade à memória de El-Rei D. Carlos manteve-a até ao fim da vida.

Belezas egípcias

No seu jazigo de família, ao alto do seu túmulo, lá estão, acompanhando-o na última morada, os retratos de El-Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia.

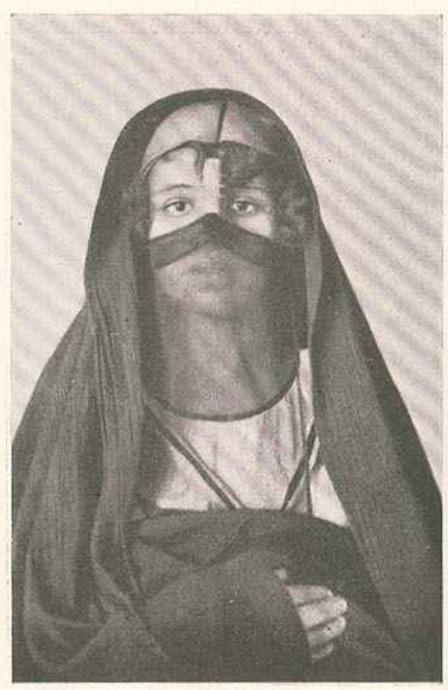
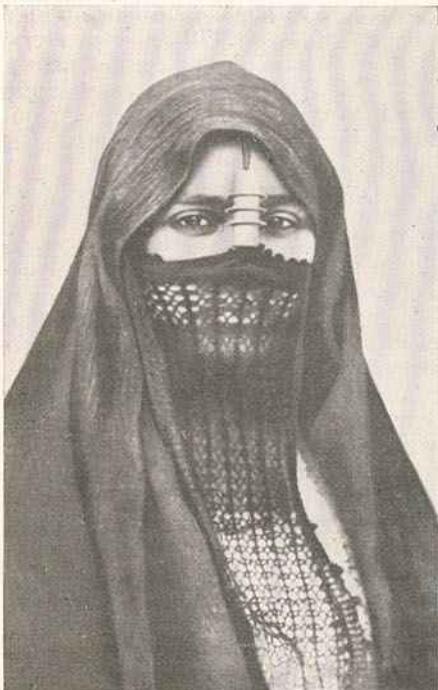
Nos últimos anos da sua vida o Dr. Pereira e Cunha vivia da saúde dos tempos passados. Pouco antes da sua morte nos falou ainda dos seus mais discipulos mortos, destacando os que lhe foram mais queridos: Gonçalves Crespo que figura ao centro do quadro do 5.º ano do curso 1876-77, dos seus mais dilectos amigos, Monsaraz, que tanto lhe queria, de António Cândido, que tanto o admirava e do Conselheiro Custódio de Almeida, espírito singular, juiz eminentíssimo, que ditava as sentenças e as justificava inteiramente com poderosa razão—ficaram célebres muitas das suas decisões!—sem o auxílio dos códigos e leis então vigentes. Foi de todos o que com êle mais conviveu. Custódio de Almeida era um espírito nascido para a discussão. Da grande batalha de ideias em que os dois se travavam em clamorosas discussões, de que sempre saía vitorioso Custódio de Almeida, levou o Dr. Pereira e Cunha a classificá-lo com o espírito mais vivo que jámais encontrou em tôda a sua vida.

Uma nota curiosa: o sr. Dr. Pereira e Cunha foi Chefe da Repartição da Direcção Geral da Administração Política e Civil do Ministério do Reino, quando era ministro da Monarquia, o Dr. Bernardino Machado, futuro presidente da Republica.

Que saúdades não sentia o Dr. Pereira e Cunha pelo Egipto, onde pela cultura do seu vigoroso espírito tão alto soube dignificar o nome de Portugal!

No dia 2 de Fevereiro de 1937 realizou-se na *Cour d'Appel Mixte*, de que o Dr. Pereira e Cunha fôra conselheiro, uma sessão solene em que ficou para sempre destacado o seu formoso talento e a sua rara inteligência.

JOSÉ PLÁCIDO MACHADO BARBOSA.



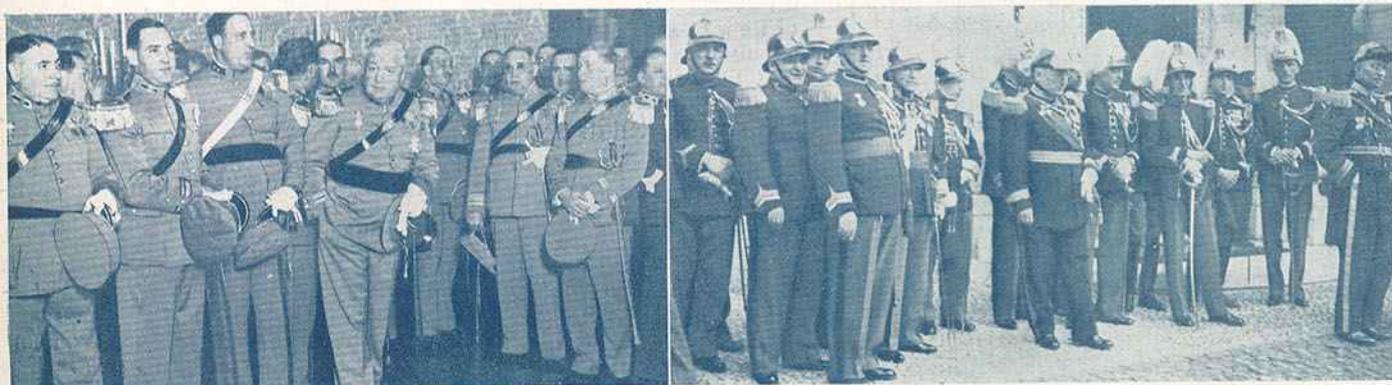
A ENTRADA DO ANO NOVO



A' direita: O sr. Presidente da República lendo ao microfone da Emissora Nacional a sua mensagem a todos os portugueses, por motivo da entrada do Novo Ano. — *A' esquerda:* Retribuição de cumprimentos na Assembleia Nacional



O Corpo Diplomático na recepção de Belém. O sr. Núncio Apostólico, em nome de todos os seus colegas do Corpo Diplomático pronunciou um discurso de saudação que o sr. Presidente da República agradeceu em breves e eloquentes palavras



Oficiais do Exército e Guarda Republicana que foram apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado por ocasião da entrada do Novo Ano



A imperatriz Maria Luísa e o Rei de Roma

ERA NOS arredores de Viena, no palácio imperial de Schoenbrunn, por uma radiosa tarde de primavera. O sol principiava a declinar, mas num lento e majestoso declínio, tal como um poderoso monarca que, aureolado por todos os esplendores da realeza, fôsse descendo, um a um, os degraus do seu trono, para ir repousar num maravilhoso leito de ouro e púrpura.

O lápis-lazuli do céu começava a diluir-se em turquesa e as nuvens, ainda há bem pouco alvas, diáfanas e translúcidas como musselinas orientais, tomavam coloridos de rosa e lílãs pálido. De véus de noiva, convertiam-se em mantos de fada. Os ruídos, como sempre ao aproxi-



Parque do castelo de Schoenbrunn

mar-se o fim do dia, amorteciam, pouco a pouco, de modo que, a não ser as vozes das sentinelas e os gritos dos gaivões que, com as suas asas negras, iam traçando estranhos hieroglifos no setim azul pálido do céu, nada perturbava a doce tranqüilidade daquela formosa tarde.

Melancolicamente apoiado no peitoril duma varanda — duma dessas varandas do palácio, em cujo gradeamento de ferro forjado se recortava a sinistra águia bicéfala dos Habsburgos — um jóvem oficial austríaco permanecia imóvel, como que imerso numa profunda meditação.

Do alto daquela varanda, o olhar, abraçando o horizonte, onde, dum lado, se desenhava sobre o fundo cerúleo a cidade de Viena, e doutro, a cadeia de montanhas do Kahlenberg, avistaria um formosíssimo panorama.

Mas os olhos do belo moço, êsses olhos dum azul mais vivo e luminoso que o do próprio firmamento, percorriam êsse lindíssimo panorama com a maior indiferença. Ou por outra, olhavam-no, mas não o viam. Também se olha sem vêr...

Era fácil de adivinhar que se o corpo estava ali, no palácio imperial de Schoenbrunn, a alma estava longe, muito longe, talvez a centenas de léguas dali...

Por muito grandiosa que fosse a cidade que se perfilava ao longe entre nuvens cor de rosa e por muito poéticas que fossem as colinas que, ao longe também, erguiam sobre o fundo de turquesa os seus cumes dourados pelo sol, não podiam encantar o jóvem pensativo porque os olhos e o coração dum exilado só encontram beleza e encanto nos panoramas da sua Pátria.

Exilado? Aquele moço alto, loiro e belo como um deus que, irrepreensível no seu uniforme branco — o uniforme branco dos oficiais do exército de Sua Majestade Imperial Francisco I de Austria — se recortava numa das varandas do palácio de Schoenbrunn, era um exilado?!

Sim, um exilado porque nascera fora dos domínios dos Habsburgos, num grande e formoso país, donde a traição e a adversidade o haviam expulsado.

E não era só um exilado, mas também um despojado. Nascera rei — Rei de Roma — e a traição e a adversidade conjuradas haviam-no privado dos seus domínios e da sua coroa!

Rei de Roma! Iam longe os tempos em que, então uma criança ainda, aquele jóvem era saudado com aquele título glorioso!

Tudo mudara realmente para o "Aiglou", desde o dia em que a Águia, derrubada



Napoleão, por Jean Cassard

jornadas de Austerlitz e Wagram, tremia diante da espada do "Pequeno Corso" — a êle, a êle que nascera rei e para quem Napoleão sonhava o império da Europa e o domínio do Mundo.

E até, não contentes de lhe terem roubado o seu pai, a sua coroa e os seus domínios, êles, ou antes Metternich, perante cujas setas pacientemente forjadas — as setas da Santa Aliança — as águias napoleónicas haviam caído mortalmente feridas, o tinham privado do último apanágio que lhe restava — o seu nome.

De Napoleão II, Majestade Imperial, haviam feito Franz, duque de Reichrad, Alteza Sereníssima. Nem sequer Alteza Imperial! Alteza Sereníssima como o mais obscuro dos príncipes austríacos ou italianos!...

O imperial exilado afastou-se da varanda. Deu alguns passos na sala, com as mãos atrás das costas e a cabeça melancolicamente pendida, e veio deter-se em frente à sua mesa de trabalho onde, numa desordem mais aparente do que real, se amontoavam, entre os cantos de Ossian e o "Filho do Homem", uma dezena de livros sobre Napoleão I.

NÉVOAS DO PASSADO

A vida amorosa de filho de Napoleão

Um coração pequenino que ansiava mundos de ternura

para sempre em Waterloo, fôra, carregada de pesados grilhões, agonizar nesse ninho de rochas, perdido no meio do oceano, que se chama S.^{ta} Helena...

Tinham-no obrigado a envergar o uniforme que, durante mais de dez anos, só conhecera a derrota nos campos de batalha a êle, a êle que estava destinado a usar o glorioso uniforme que, durante mais de dez anos, percorrera a Europa, de vitória em vitória!

Tinham-no constringido a tornar-se príncipe austríaco a êle, a êle a quem seu pai, mesmo do longínquo rochedo que

lhe servia de prisão, recomençara que jamais esquecesse que era príncipe francês...

Tinham-no feito súbdito da monarquia austríaca — dessa monarquia que, poucos anos antes ainda, após as triunfais

Porém, não foi para as obras que exaltavam as glórias da Grande Armée, que cantavam tôda a maravilhosa epopeia napoleónica, que a sua mão — a sua magra e aristocrática mão que dir-se-ia modelada em cera — se dirigiu. Foi para o livro das Memórias de Antommarchi, o médico que assistira a longa e dolorosa agonia do imperador.

Durante perto de meia hora o príncipe, aquele a quem o poeta francês Barthélemy chamara no seu poema o "Filho do Homem", permaneceu curvado sobre o livro de Antommarchi, graças ao qual conhecia, como se a êles tivesse assistido, os últimos momentos de seu pai.

Conhecia não, via. Via S.^{ta} Helena — pequeno ponto negro isolado no meio da imensidade do grande deserto líquido — elevando do seio das águas a sua silhueta dantesca.

Via essa enorme massa de rochedos gigantescos descarnados na base pelas vagas alterosas, sulcadas nos flancos pela lava dos vulcões e aguçados nos cumes pelas chuvas torrenciais.

Via o interior dessa ilha maldita por Deus, ora devastada pelos tuões, ora sepultada pela bruma onde nem a vegetação crescia com vigor, nem as flores desabrochavam com beleza, para onde a Inglaterra, representando o papel do abutre, relegara o novo Prometeu.

Via a humilde granja de Longwood onde, guardado à vista por uma guarnição inteira (quasi três mil homens entre oficiais e soldados, uma esquadra com seiscientos canhões, e uma legião de espíões), vegetava aquele que conhecera os esplendores das Tulherias e de Fontainebleau.

Via, a 2 de Abril, o cometa, arrastando a sua cauda sangrenta por cima da ilha. Um cometa como aparecera em Roma, pouco antes da morte de César...

Depois, a terrível noite de 4 para 5 de Maio. Via as ondas levantando-se cada vez mais altas, como que animadas duma cólera louca, rolando em cataratas efervescentes e vindo quebrar-se em montanhas de espuma de encontro às falésias da ilha maldita. Ouvia a infernal serenata do vento que aos gemidos, aos uivos, aos rugidos, passava esguedelhando raiosamente os ramos das árvores que, de longe, pareciam escravas bárbaras amarradas ao poste da tortura.

O dia, após a noite. Via o sol, dissipando o espesso sudário de brumas e o mar recuperando, pouco a pouco, o seu límpido espelho de cristal azul e prata.

As horas, os minutos e os segundos decorrendo longos como séculos...

Em seguida a morte, à hora em que o sol, o maravilhoso e ofuscante astro dos

tropicais, desaparecia no oceano, incendiando as águas com as brasas incandescentes dos seus últimos raios.

O filho de Napoleão fechou o livro e, tomado dum respeito quasi religioso, depe-lo cuidadosamente em cima da mesa.

Agora já não via só, ajoelhava. Vale o imaginção, ajoelhava no pequeno vale do Cíeranium, ao pé da fonte do Torbett, junto a lage branca sem inscrição alguma, onde, chorado apenas pelos dois salgueiros de ramos entrelaçados, seu pai dormia o último sono em terra estranha.

O príncipe imperial deu alguns passos na sala, mordendo os lábios para não chorar e veio de novo debruçar-se na varanda, olhando o sol que ao longe continuava a declinar, a empalidecer, a sumir-se, como declinado, empalidecido e sumido se havia a estrela de Napoleão.

Cá em baixo, no parque, numa sinfonia de matices glaucos, estendia sua alcaíla de pelúcia salpicada pela mancha polícroma das flores.

Contudo, não era com prazer, mas sim com infinito pesar que êle olhava o parque de Schoenbrunn. Aqueles belos jardins povoados de estátuas brancas e lagos espelhanes, traziam-lhe à memória a sua desgraçada infância de órfão.

Órfão? Sim. O pai estava em S.^{ta} Helena agrilhado ao rochedo maldito, prisioneiro, como diria Esquilo, da violência e do poder, enquanto que a mãe...

Tôdas as vezes que a palavra mãe soava aos ouvidos do filho de Napoleão um profundo rubor lhe coloria as faces e um sorriso amargo lhe franzia a boca. Jamais soubera o que era ter mãe!

Maria Luíza de Austria, atraídoando os mais sagrados deveres que a religião e a moral lhe impunham para com seu marido e o seu filho, em vez de imitar o procedimento de sua avó, a grande imperatriz Maria Tereza, fôra a primeira a dar a mão aos inimigos da França e ale-



Napoleão na ponte de Arcole

grar-se com a derrocada do trono napoleónico.

E, enquanto o marido — aquele que a elegera entre tôdas as princesas reais da Europa para com ela partilhar o seu poderoso e esplêndido trono que se erguera na terra depois do de Carlos V — agonizava em S.^{ta} Helena, sob o olhar frio e agudo do inflexível carcereiro inglês, ela, sempre ávida e sempre insaciada de volúpia como a Messalina que Tácito e Juvenal nos descrevem, vivia em Parma, alegre e feliz, nos braços dos amantes, uma existência de prazer.

E enquanto o filho que ela, sempre ter-



A morte de Napoleão em Longwood



O duque de Reichstadt

rívelmente fraca e egoísta, deixara, ou antes, abandonara, com a maior indiferença, em Viena aos cuidados de estranhos, recebia, à menor falta, as chicotadas do perceptor Obenans, ela cobria de beijos e de carícias os bastardos que, ainda com o marido vivo, tivera do conde de Neipperg.

O palácio de Shoenbrunn onde a sua infância decorrera triste e isolada, sem ter a aquece-la o calor dum afecto, fôra para o rei de Roma uma autêntica S.^{ta} Helena.

E S.^{ta} Helena continuava a ser. O príncipe de Metternich — a raposa diplomática que outrora vencera a águia gloriosa — tornara-se, com os seus polícias e os

seus espões, o Hudson Lowe daquele que os bonapartistas persistiam em chamar Napoleão II.

— Ninguém aqui gosta de mim — murmurava o príncipe para consigo com a maior tristeza — Odeiam-me porque sou recordação sempre viva de Wagram. Odeiam-me porque sou prova viva de que foram vencidos; de que foram obrigados a suplicar a paz, quasi de joelhos, ao "Pequeno Cabo"; de que se viram contrangidos a dar-lhe a êle, ao "Ogre, ao "Filho do Povo," uma das suas princesas por espôsa. Odeiam-me porque temem que, um dia, a França me chame!

É por isso que ninguém aqui gosta de mim, ninguém aqui sente por mim a menor afeição!

A imagem duma mulher jovem, linda, graciosa, adorável, abanando a cabeça num gesto de maguada censura, passou diante dos seus olhos e o príncipe reconheceu o seu exagêro.

Realmente existia ali, dentro daquele soturno palácio, alguém que muito o

amava, alguém que aquecia a sua alma de órfão e de exilado com a chama do seu afecto e da sua ternura — Sofia da Baviera.

Fôra — lembrava-se bem — sete anos antes, era êle um pequeno homem de treze, que a conheceu, ou por outra, que ela entrara, pode dizer-se, na sua vida.

Um dos arquiducos irmãos de sua mãe, aquele que, precisamente, pelo seu carácter refalsado e mau, maior aversão lhe inspirava, escolhera para noiva uma das filhas do rei da Baviera.

Acolhera a notícia do próximo enlace com a maior indiferença, ou por outra, com um secreto receio. Uma nova arquiducosa significava — pensava êle — com a sua sagacidade de criança precocemente amadurecida pelos infortúnios — sem dúvida uma nova inimiga...

Porém, ao ver a princesa da Baviera,

ao ver essa deliciosa jovem que era a viva imagem da graça, da mocidade e do encanto, todos os seus reccios desapareceram por completo.

Num gesto lindo, a nova arquiducosa, sem lhe dar tempo para dizer uma palavra, correu para êle de braços abertos, estreitara-o de encontro ao peito e cobrira-o de carícias, contemplando, avidamente, o seu rosto — o rosto do filho



O túmulo de Napoleão em Santa Helena

do grande Napoleão a quem ela (irmã de Amélia da Baviera, mulher de Eugénio de Beauharnais) desde criança votava um culto.

O coração do pequeno Bonaparte estava ávido, sequioso de ternura. Sofia possuía guardados no seu tesouros de afeição e todos êsses tesouros, já que não possuía o amor do marido, nem, para consolar-se do seu isolamento sentimental, o berço dum filho, ela os consagrou ao "Aiglou," prisioneiro.

Fôra a sua verdadeira mãe, a sua grande amiga, aquela que encontrara sempre ao seu lado, para lhe suavizar tôdas as dôres, cicatrizar tôdas as feridas e animar tôdas as esperanças.

Que admira, pois, que êle tivesse dado todo o seu coração só a Ela, apenas a Ela, unicamente a Ela?

E como sempre, nas horas de tristeza e de desânimo, nessa tarde, o príncipe deixou os seus aposentos, desceu a pequena escada que conduzia ao andar inferior, em busca da grande, da deliciosa amiga que, com o seu sorriso lindo e as suas meigas carícias, iluminava a sua alma.

Não era só em busca da grande, da deliciosa amiga que êle corria apressado.

Somos sempre os últimos a ler em nós próprios...

Era em busca da amada, daquela que, sem que êle se apercebesse, ocupava a sua existência, daquela que retinha o seu coração prisioneiro nas suas mãos brancas, que êle corria apressado...

Os anos da criança, haviam feito um adolescente. A hora suave, em que a amizade se transformaria em amor, tinha pois, fatalmente, que soar...



Napoleão

EUNICE PAULA.

A FESTA DA NEVE

BRANCA e imaculada a neve, cobre com o seu pesado manto de arminho, altas montanhas e os países em que o frio é intenso. A neve quando o termómetro desce abaixo de zero, o ar é gelado e as negras nuvens duma côr ameaçadora cobrem o firmamento e descem, descem tanto que parece tocarem o telhado das habitações dos homens, começa a cair silenciosamente, sem fazer barulho em pequenos flocos brancos que parecem farrapinhos de algodão em rama, e, pouco a pouco esses farrapinhos aumentam, crescem e tornam-se em borboletas brancas, que ao cair formam um tapete lindo, fôfo e branco, tão branco que deslumbra e encanta.

Nada há mais bonito do que ver cair neve, estando dentro duma casa bem aquecida, mas como sentimos a tristeza dêsse ar silencioso, que tudo envolve, se pensarmos naqueles, que sem lume e sem pão, sentem cair sobre os seus membros enregelados e inertes êsse pesado fardo branco, leve tão leve ao princípio e que pouco a pouco se torna num peso que mata.

Ao pensarmos em tantos pastores, que andam expostos à neve, a tantos viandantes, que habitam países frios, e, que surpreendidos pela neve, a vêem impiedosa cair à sua volta, crescer continuamente e por fim sepultá-los na sua traiçoeira beleza, de aspecto tão puro e material, e de tanta força no mal, a neve que encanta os olhos, assusta-nos e aterra-nos, e, quando longe, a vemos cair linda e impiedosa, sentimos saudades imensas da nossa terra, onde ela, só acidentalmente jode cair e por horas apenas.

Esse manto imaculado que torna a paisagem admirável que cobre os telhados das casas, que guarnece os ramos sêcos das árvores, que torna os pinheiros árvores de Natal, em festa essa neve, não é somente o vestido puro do batizado, essas rendas leves e brancas do recém-nascido, que vai a ser feito cristão à Pia Baptismal, nem também o branco vestido que a adolescente, pura e linda, veste para a sua primeira comunhão, símbolo da sua pureza que a leva a receber Cristo pela vez primeira, com a alma branca como o seu vestido, nem mesmo ainda o setim branco da noiva pura, que entra em nova vida, é muitas vezes o sudário branco que envolve o morto na sua descida à sepultura.

A neve é linda, é deslumbrante para quem a

vê na sua beleza imaculada envolver tudo na brancura que nada iguala, mas é temível na sua brancura, temível com a escuridão.

Quando defendidos a vemos, sentimo-nos atraídos e encantados, mas quando sem defesa ela ataca e tudo cobre mansamente, silenciosamente, numa teimosia suave, sempre crescendo em volta, macia e quasi impalpável, entorpecendo, aniquilando e matando, o pavor apodera-se do espírito humano e nessa beleza tememos a morte que ela oculta num aspecto de pureza e ingenuidade.

Mas o homem moderno não se deixa intimidar e aproveita para seus prazeres tudo o que lhe pode proporcionar distração, um desporto, e lutando vence o mal, e a neve mortífera, torna-se num elemento a mais para o seu robustecimento, para o seu desenvolvimento da sua saúde, da sua força, do seu valor.

Até aqui a humanidade defendia-se da neve, fechando-se em casa, acendendo lume, aquecendo-se e pelas janelas espreitava-a, admirava-a de longe, como a uma coisa muito bela, mas muito perigosa, de que era preciso fugir no terror máximo, do mal que ela lhe podia fazer.

Agora não é assim. Cai a neve, a primeira neve e os palácios que são os hotéis, que coram as altas montanhas da Suíça e de outros países, iluminam-se febrilmente, aquecem-se com as mais modernas invenções, contractam alegres «jazz-bands», preparam as suas ementas de luxo, os banquetes que assinalarão as festas de inverno e esperam os seus hóspedes.

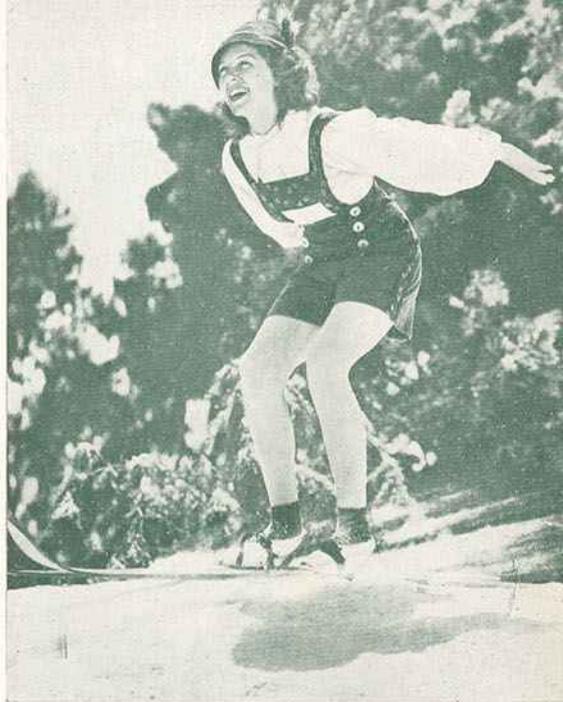
E a multidão dos ricos, daqueles que até há pouco fugiam à neve e ao frio accorre de toda a parte num desejo de movimento e de desporto, à procura de sensações novas e também um pouco por snobismo, porque é elegante fazer «ski» e dançar à noite num «palace» iluminado a uma altitude respeitável.

E o «ski» tem os seus fervorosos adeptos é muito «chic» ir a Adelhaden, aos Dolomite, a todos os pontos de reunião. De dia, as senhoras igualam-se aos homens no traje, nas calças, nas botas ferradas, nos «passemontagne», mas à noite flores de luxo e de elegância desabrocham em vestidos de côres maviosas e suaves, envolvem-se em setins e «lamés» de ouro e nos salões aquecidos e perfumados dançam infatigáveis, depois de se terem cansado todo o dia a fazer «ski» êsse desporto violento, que requer uma preparação de horas seguidas durante o dia.

A pele bronzeada pelo ar da montanha que queima como o sol, a mulher dêste século mantém no inverno o seu aspecto desportivo, devido ao «ski».

E a neve vencida pelo homem oferece as suas vastidões imaculadas aos que se entregam a êsse inebriamento da velocidade na brancura que envolve e encanta. E os saltos surpreendentes e as carreiras vertiginosas, tornam êsses dias em sonho de vida livre, e, aproveitada para a alegria de viver, mesmo sobre a natureza morta, envolvida no seu sudário branco.

E os pequenos «flirts», as pequenas alegrias, os grandes despeitos das rivalidades, penas de orgulho ferido, desgostos de coração, alegrias permitidas e brancas como a neve, que as rodeia, esperanças que findarão passados êsses dias de «parentesis» na vida de sempre, encontros sem importância de pessoas que não tornarão a encontrar-se, paixões devastadoras, que nascendo na brancura acabarão no negrume das vidas despedaçadas, tudo isso o homem leva para as altitudes onde antigamente a neve era a única senhora e que via o seu silêncio interrompido apenas pelos voos das



águas, que em agudos gritos lançam o seu apêlo.

Tranquila e branca oferece o seu tapete aos esquiadores, que sobre ela deslizam, brincam, rolam num esquecimento dos pezares já sofridos, na imprevidência dos que estão para vir, mas a montanha não é segura, cautela com a sua ira.

E os montanhesees aqueles que ali próximo nasceram, que desde crianças estão habituados às suas coleras e às suas intemperias, guias seguros dos desportistas amadores, em certos dias, fazem a sua prevenção.

Cuidado com a montanha que vai zangar-se, cuidado com êsse lindo tapete branco que a tempestade vai agitar e os «palaces» trancam as suas portas e janelas, e, a tempestade cai pesada e branca arrastando tudo no turbilhão branco da neve, que o vento impele, turbilhão perigoso e assustador, mas dentro dos palácios, aquecidos e iluminados a humanidade corajosa esquece a natureza convulsa e dança, ri, conversa, joga e flirte, indiferente à colera da montanha invadida.

O vento sopra? Que importa se tudo está fechado e o aquecimento suave torna a temperatura deliciosa, a neve cai abundantemente? Melhor, amanhã se poderá fazer «ski» com mais prazer, e nos salões os pares deslizam ao som dessas valsas de Straus, que é a terceira vez, num século, que embalam ao som melancioso dos seus acordes a humanidade, que dança.

Nós temos já na Serra da Estrela pontos onde os apaixonados de «ski», podem exercitar as suas habilidades embora a neve nem mesmo ali atinja no nosso país essa dureza e gelo necessários a êsses exercicios.

São já frequentes as excursões em «camionettes» que levam o porta-bagagem o equipamento dos esquiadores, e, muitos os que ali se dirigem e encontram no hotel das Penhas da Saúde um relativo conforto que torna muito suportável a estada na Montanha.

Mas faltam ali os grandes «palaces» com as suas diversões, que tornam tão procuradas as estâncias de inverno da Austria, da Suíça e da Itália. O amor ao desporto, leva todos êsses ricos que não têm que fazer senão distrair-se, a procurar a neve, mas o amor ao conforto e às distrações exigem, que haja hotéis que sejam palácios onde nada falta e onde se possam divertir.

É assim a neve branca que cobre as montanhas com o seu pesado manto de arminho, só se conservará imaculada e branca nas solidões, onde não há «palaces» nem divertimentos, solidões que só o voo das águas desperta do seu silêncio, que a neve sudário da natureza morta no inverno, estende em enormes extensões, branca solene longe dos esquiadores longe dos homens, num silêncio branco, envolvente que não desperta senão com os primeiros degelos e é aí que a neve tem a sua festa, a festa da brancura.

MARIA DE EÇA.





Os quartos onde se vive têm de ser arejados e as crianças necessitam de ar e de luz e para que na família haja esse hábito de reatino, que cria e mantém a unidade de gostos e de pensamento, é preciso que haja uma sala onde todos cabam e onde cada um encontre os objectos a que mais se dedica, livros para uns, caixas de costura para outras, cavelete de desenho para os que a ele se dedicam e assim os membros duma mesma família habituam-se a viver em conjunto, a trocar impressões e a viver numa verdadeira comunidade de pensamento, que traz inevitavelmente o afecto e a unidade.

Há famílias que só se reúnem à hora das refeições, para onde nem com os seus cuidados particulares, quasi não conversando, por não terem esse doce hábito do convívio familiar, onde se limam as arestas do carácter e onde se adquire a ciência de saber viver.

Ciência tão difícil e tão útil na sociedade, ciência de que depende o éxito na vida e que tão necessária é numa sociedade civilizada, de que a família tem de ser a verdadeira escola, onde se formam cidadãos e caracteres.

É a mulher como organizadora da casa incumbida em fazer da sua sala não uma sala de «Ma Jong» e de visitas sem interesse, mas a reunião familiar de todos e dos amigos que trazem o calor da sua afeição, a chama viva que une a família.

Parece que a disposição de dar a uma casa é uma coisa insignificante, que não conta, mas na vida nada é pequeno e tudo tem importância, e na família é da mais alta conveniência que haja essa unidade que só se consegue com a convivência diária e continua, que os pais vivem a vida dos seus filhos, conhecem as suas aspirações, que os irmãos communicam os seus sonhos e se ajudam no eiver dia a dia a realizá-los. Os ingleses nesse uso do «parlour» sala de reunião da família dão-nos o exemplo dessa vida de família tão interessante e útil.

A mulher incumbida o preparar dentro de casa o ambiente dos que tem de viver fora d'elle.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Em pleno inverno, frio como há muito não era o inverno entre nós, a moda que nos vem de Paris, onde a temperatura desce duma maneira extraordinária, gelando lagos e tanques, tornando as ruas escorregadias com o gelo e a atmosfera siberiana, é como naturalmente se supõe a moda das peles, esse abafio que nada pode igualar nem substituir.

As peles não deixam penetrar o frio e com o «anatto» que lhe fazem tornam-se um delicioso abafio, dos mais apreciados e mais úteis.

Entre nós poiticos meses se usam os casacos de peles, mas com as temperaturas actuaes elles são bem úteis nos meses de rigoroso inverno e bem apreciados pelas senhoras.

Umás apreciam-nos porque são realmente friorentas e necessitam do seu conforto, outras pela elegância e distincção que dá a «toilette», um bom e confortável casaco de peles.

Mas o casaco de peles tem de ser de boa qualidade, alguns que se vêem em peles de coelho são muito frios e não podendo ter um bom casaco é preferível fazer um casaco de bom tecido de lã guarnecido a pele.

Nada mais feio do que as peles ordinárias e mal apresentadas.

Damos hoje alguns modelos em pele de grande «chic» e muito práticos pelo conforto que proporcionam e pela maneira de os usar.

Casaco comprido em lindo arminho da Rússia tinto, fechado até acima, amplo e confortável é forrado de setim castanho e fecha com dois bonitos botões sobre o peito, as mangas tornam amplos os ombros, a gola é de abafio.

Acompanha-o um gracioso chapelinho, a aba em «panne» e o fundo da capa em fitas «gros grain» que formam atrás um grande laço que descai graciosamente sobre o cabelo.

Damos um outro modelo de pele de muito gracioso efeito e muito pratico para as senhoras, que não podem ter abafios em pele para de dia e para a noite.

É um bolero em raposa azul que se veste sobre um casaco em fazenda de lã preta completamente liso e traçado na frente. O chapéu em «tonpé» é muito alto e guarnecido também com raposa igual ao bolero o que forma um conjunto do mais gracioso efeito.

PÁGINA FEMININAS

Sobre um vestido em setim rosa pálido, guarnecido nas ancas por um bordado, que igualmente guarnece a borda da pequena cauda, o bolero faz um lindo abafio para a noite, que nas noites frias cobora as salas sejam aquecidas é da maior utilidade, abrigando os ombros, peito e costas nas passagens dumas salas para as outras.

Para as senhoras que não podem comprar peles damos um lindo modelo em grosso «tweed» de grande agasalho e muito pratico.

Sala em «tweed» verde escuro, muito simples tendo apenas à frente e atrás uma prega. Casaco comprido no mesmo tecido, mangas «raglan». Colete em fazenda verde escuro com riscas verde claro e «écharpe» em veludo verde claro. Chapéu em bom feltro verde, duma graciosa forma.

Lindo modelo de vestido «tailleur» em fazenda muito macia preta. Sala lisa completamente e casaco muito justo até às ancas, botões simples, dum lado e doutro da frente applicações da mesma fazenda. «Écharpe» em veludo cor de fúchia. Chapéu em feltro guarnecido com um véu que deixa livre a cara envolvendo a nuca e a tampa



laço debaixo do queixo. «Toilette» de grande simplicidade e requintada elegância, que deve agradar a todas as senhoras.

AS GRANDES CIDADES

NOVA YORK a cidade das distâncias enormes, distâncias difíceis de transpor para quem não possui automóvel, e, que a multidão que assalta os meios de transporte público, a saída dos espectáculos, torna quasi impossivel de utilisá-los, originou uma engraçada ideia ao dono dum cinema, que em tempo foi hoteleiro.

Ao lado da sala de cinematógrafo montou um hotel, no qual os espectadores podem dormir, cada quarto tem sala de banho, há um vasto salão e uma sala onde se serve o pequeno almoço.

A seguir a este pede-se aos clientes que sigam a sua vida, e, assim aqueles que vivem longe podem assistir ao espectáculo e em seguida dormir.

É uma novidade que só poderá dar resultado numa cidade como Nova York de tão colossais dimensões.

O que se não pode dizer é que seja para os estrangeiros muito barato com o câmbio actual, porque custa três dólares e meio, verdade seja que é com o espectáculo comprehendido.

CHAPÉUS NO CINEMA

Volta à discussão um assunto, que há anos estava posto de parte: trata-se dos chapéus das senhoras nas salas de espectáculo; cinema ou teatro.

Modestos, pequenos sem enfeites os chapéus femininos, nada incomodavam e não havia contra elles o minimo protesto, mas a moda guarneci-



con os chapéus; para o gosto feminino tornou-os mais bonitos, — e para os espectadores masculinos — tornou-os odiosos.

Há tempo numa cidade da América enquanto passava um filme e a escuridão era propicia, os espectadores tomaram uma decisão enérgica contra os chapéus e depenaram-nos.

Depenaram-nos é a expressão exacta porque quasi todos tinham penas e penachos, que impediam os espectadores de trás de ver a fita que se desenrolava.

Foi uma agressão selvagem que originou um conflito desagradavel, como é natural. As senhoras gritavam a sua indignação justissima por serem estragados os seus chapéus. Fez-se luz e o chão estava juncado de penas, os agressores vermelhos de cólera, afrontavam a ira e os insultos das atacadas, na beleza e na elegância dos seus chapéus, e qual é a mulher que não comprehende essa indignação?

Os maridos tomando o partido de suas mulheres e também das suas bolsas, porque viram eminente a compra de novo chapéu, envolveram-se em desordem com os depenadores, houve prisões e tumultos.

É a saída todos mal humorados diziam as suas mulheres: «Eu não te dizia de não pones esse chapéu?»

Em Lisboa temos já elegantissimos chapéus guarnecidos com lindas penas, «aigrettes» e dimensões.



«paradis», abas elegantes e altas e temos de concordar, que as senhoras estão mais femininas, mais bonitas, mas o que é preciso é que elas se não esqueçam também dos espectadores das filas de trás no cinema, e, quando forem a esse divertimento escolham entre os seus numerosos chapéus, aqueles que não são susceptíveis de provocar a ira do publico e os desagradáveis conflitos, que se lhe succedem.

HIGIENE E BELEZA

CONTINUAMOS a ver algumas senhoras com as unhas lacadas de vermelho, o que é dum péssimo gosto porque dá à mão da mulher um aspecto ensangüentado que a torna cruel. Nada há de mais bonito do que uma mão bem tratada, mas não é necessário que as unhas tenham esse aspecto tão agressivo.

Neste tempo de frio é absolutamente necessário pôr todas as manhãs pasta de amêndoas,



que branqueia as mãos e evita o cieirol tão incómodo e feio, em seguida meter as mãos em água morna e passar as unhas com um pouco de limão, para as tornar brancas e brilhantes.

Depois untá-las com vaselina ou com qualquer produto que as amacie e tire as peles em seguida dar-lhes brilho com a pomada «Houghigan» e assim se conseguem umas mãos idealmente lindas e que não vêm as unhas estolhadas por mais vernizes.

DE MULHER PARA MULHER

Violeta: No quarto das crianças não convém esse aquecimento. É preferível talvez o frio. Um fogão com tiragem não prejudica, mas a braseira é perigosissimo. Usam-se muito os casquinhos em pele branca e se as peles são bonitas pode aproveitá-las sem se preocupar com essa ideia que é demasiado ingénua.

Mary: Um vestido de tule branco é sempre bonito para uma menina da sua idade. Faça a capa em veludo branco e pele branca e nos seus casacos ponha um malmequeres brancos ficará encantadora. Pode ler a Maria Stuart de Stephan Zweig.

Triste: Não seja criança, isso não é motivo para tristezas, que importa que seja um pouco mais forte, mesmo esse peso não é nada de mais.

A estética é muito apreciavel, mas não é tudo para tornar uma mulher interessante, procure tornar-se mais perfeita de espirito e de alma e deixe em paz os 65 quilos.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 21

(Totalidade — 18 pontos)

QUADRO DE HONRA

Mirna, Agasio, Infante e Barão Y

QUADRO DE MÉRITO

M. A. P. M., Siulno, Ti-Beado, Rosa Negra, Mr. Moto, Sir Bay, Felix Lobato, Alvarinho, Eusapesca, Tripa Mágica, Erbelo, Diriso, J. Tavares e Visconde X — 17. Matina, Calaveras, Dama Negra, Larabastro e Tarata — 14. Aureolinda, Ramon Lágrimas, Cigano, Anjo das Serras e Almaviso — 13. Sevla, Francisco J. Courelas e Saturnino 10. — Mula-to — 8. Periclitante — 6. Cavaleiro Branco — 16

DECIFRAÇÕES

1 — Multíscios. 2 — Grandemente. 3 — Bem-querer. 4 — Desfeito. 5 — Fi(ga)do. 6 — Jornada. 7 — Amago. 8 — Patola. 9 — Achata. 10 — Amago. 11 — Suave. 12 — Fragata. 13 — Azero. 14 — Socapa. 15 — Dominó. 16 — Espirituosamente. 17 — Cavatina. 18 — Égua cançada prados acha.

GRUPO EDÍPICO LISBONENSE

Por uma apreciada carta foi-nos comunicado a fundação deste valoroso grupo charadístico ao qual desejamos prosperidades, longos anos de vida e... boa e assídua colaboração.

BOAS-FESTAS

Enviaram-nos cartões de boas festas as seguintes entidades: *Mirones, Infante, União dos Charadistas Alentejanos, Jofralo, Sileno, Mirna, Ole-gna, Dr. Sicascar, Magnate e Cavaleiro Branco.* Agradecemos e retribuimos gostosamente.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) Um ano degredado!... Ai, que vilzeja
O' minha apeteccida liberdade!...
Metido numa escura cavidade
De horrível e severa fortaleza.

Sem ti, exangue e cheia de tristeza,
Jaz minha lira — acerba crueldade!
Que sem férreos grilhões, com suavidade,
Mais crente ouvia a voz da natureza. — 1

Se eu andasse metido no folguedo,
Sem garbo, a divagar com as amantes, — 2
Num nevaneio insano e duvidoso,

Inda me resignava este degredo...
Mas sem graves razões, ó vis tunantes,
E' deplorável!... Triste!... Injuriioso!...

Lisboa Fero (L. A. C.)

(Extra-concurso)

2) Ri, meu filho, alegremente,
Ri, enquanto
És um santo — 1
Um sér mimoso, inocente.
Se tu ris
Sou feliz!
Esqueço as amarguras da existência,
As vis contrariedades que ela encerra,
Para pensar que és tu quem, sôbre a terra,
Me faz crer, com fervor, na Providência!
Ri com vontade e gosto...
Alegra êsse teu rosto
Angelical,

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 30

Enquanto êsses dois anos e meio
Te concebem a vida um recreio,
Um sonho astral...
Terás um dia *ensejo* de lembrar — 1
Estes momentos raros de ventura
Que um dia são saúdares de alma pura
Que o coração não sabe disfarçar...
Orações de indizível anciedade,
Porventura, aureolando a tua idade!
Lisboa Ordisi (T. E. e L. A. C.)

ENIGMAS

Rosinha:

3) Flor em botão! querida minha;
oxalá te encontre bem
esta pequena cartinha
e assim como tua mãe.

Hoje são dez; o começo
nos lembra do nosso amor;
não o esqueças, a Deus peço,
enquanto vivente eu for.

Já faz um ano, Rosinha!
Do Céu a noite tombava...
tu ouvias, coradinha,
meu seio que palpitava...

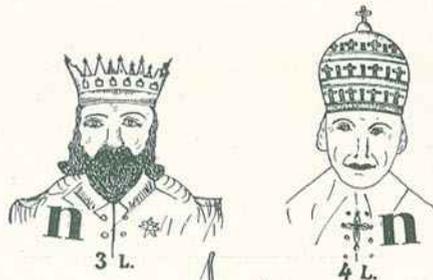
Lembras-te? Como é sublime
revivermos o passado!...
quando nele não há crime,
quando ele é todo sagrado!!

E, por hoje, adeus, Amor!
nestas *letras, p'ra acabar,
eu vou agora depor
dois ** beijos p'ra te prender.

* Letras gregas
** Atirados de longe por galanteio.

Lisboa Siulno (T. E.)

ENIGMA PITORESCO
(A memória do malogrado Director Rei-Fera)



Luanda

Ti-Beado

(A Siulno com vénia)

4) Escreva com duas letras
um bicho — sem sinal —
que pode viver na terra
ou nos charcos dum choupal.

Depois junte-lhe mais dez
e, para o enredo fechar,
nada mais será preciso
que o desejo de acertar.

Falta, porém, o começo!
Pois lá vai, estou de acôrdo;
roube à grei uma sòmente
se quer' ser bem alto e gôrdo.

Lisboa Cavaleiro Branco

5) Cinco letras tem o todo:
Prima e quarta vogais;
As outras são consoantes,
Perfeitamente iguais.

Mostra o enunciado
Que era o apelido
Do sô Marques de Távora,
Já há muito falecido.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS EM PROSA

CHARADA MEFISTOFÉLICA

6) A alegria na mulher manhosa provoca-me
uma risada. (2-2) 3.

Vila Serpa Pinto

Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

7) Voa o pensamento até Deus, quando sen-
timos o nosso fim. 2-1.

Lisboa

Rosa Negra

8) Alinha os livros sem remorso, seu vá-
dio! 3-1.

V. Serpa Pinto Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

(Ao Copofónico)

9) Por encontrar um caderno todo esburacado
puz tudo em alvorôgo. 2-2.

Lisboa

Papa-Almudes (G. X.)

(Ao confrade Ordisi)

10) Bandeira portuguesa! És bem o símbolo
verdadeiro deste honesto PORTUGAL. 1-2.

Lisboa

Alguem (LAC-T. E.-G. X.)

11) A cobertusa do cálix, com tiras de seda é
tão antiga como as estacas das habitações lacus-
tres. 2-2.

Abrantes

Aocica (L. A. C.)

12) Pela sua abnegação, evita a aflição de mui-
tos, o escoleiro. 3-1.

Algés

Marcolim

CHARADAS SINCOPADAS

13) Abati um veado novo com um tiro infalível.
3-2.

Luanda

Zé da Eira

14) Foi zollado, mas ficou errado. 5-4.

Lisboa

Biscaro (G. X.)

15) De tanto ter gritado ficou para sempre...
calado. 3-2.

Lisboa

Ricardo (T. E.)

16) Por causa da tua importunação, no ban-
quete oferecido aos aviadores, apanhei uma
bebedeira. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

(Ao confrade «Dr. Sicascar»)

17) Do lado do oriente vem uma aragem bran-
da. 3-2.

Lisboa

Meio-Kilo (G. X.)

Ao distinto confrade Marcolim

18) Com muita intimidade nunca se enfade.
3-2.

Poço do Bispo

Mirones (L. A. C.)

Tôda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo,
redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º —
Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No PARIS

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de 3 do corrente, no cinema Paris, à rua Domingos Sequeira, à Estrêla, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Alice Betencourt Teotónio Pereira, D. Branca Machado de Carvalho Figueira, D. Hilda Coelho Pery de Linde, D. Margarida Scabra de Oliveira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Seródio (Sabrosa), D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Antónia de Sá Nogueira, D. Maria Júlia Pellen Campos de Andrade, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria Tereza d'Orey e D. Maria Tereza Salema Garção, cujo produto se destinava a um fim verdadeiramente altruista, que deixou no público a melhor impressão, pelo belo programa de filmes que se exibiu.

No SÃO LUÍZ CINE

A favor das Oficinas de São José, efectuou-se na tarde de 4 do corrente, no São Luiz Cine, uma festa de caridade, cujo programa era constituído pelo filme de fundo «Arco Iris no Rio», dois desenhos animados de reclamo à Philips, e da representação da peça em um acto, original do distinto escritor sr. Mário Marques, intitulada «A ceia das sogras», interpretada em «travesti» pelos srs. D. Lopo de Bragança (Lafões), Qui Val Flor de Brito Chaves e Carlos Espírito Santo de Melo, agradou muitíssimo, tendo atraído à vasta sala dêsse «cine» uma enorme e selecta concorrência.

A festa foi levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.^a Duquesa de Palmela, e da qual faziam parte as seguintes: D. Adelaide Temudo de Sommer, D. Ana de Barros Lamas, D. Ana d'Orey Quintela, D. Beatriz de Viveiros Henriques de Tavora da Silva Pereira, D. Berta Mauperrin Santos de Castelbranco, D. Catarina de Sousa Coutinho (Linhares), Condessa de Mafra, Condessa de Mendia, Condessa de Monte Real, D. Maria da Assunção Viana de Sequeira, D. Maria Benedita Oriol Pena, D. Maria Emília Brandão Palha, D. Maria Luiza de Vilhena de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Maria Pe-

restrelo d'Orey, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, e Marquesa de Tancos, que decerto ficou plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro como mundano.

BAILE DE SUBSCRIÇÃO

Em Évora, realiza-se na noite de 21 do corrente, organizado por uma comissão de senhoras legionárias pertencentes à primeira sociedade evorense, sob a presidência da sr.^a D. Maria José de Matos Fernandes Duarte Silva, esposa do ilustre tenente-coronel de artilharia sr. Joaquim Duarte Silva, comandante distrital da Legião Portuguesa, um grandioso baile de subscrição a favor do fundo de Assistência Social do 23.^o Batalhão da Legião Portuguesa, nos magníficos salões do palácio, onde se encontra instalada a sede do mesmo batalhão.

O baile seguido de ceia à americana será abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band», que se fará ouvir num esplêndido reportório de músicas modernas. Pelo extraordinário interesse que esta festa de caridade está despertando, não só em Évora, como nos arredores, é de prever que nessa noite os salões do palácio, onde é a sede do 23.^o Batalhão da Legião Portuguesa, seja o ponto de reunião obrigatório, não só de tudo que de melhor conta a primeira sociedade evorense e dos arredores do distrito, como da capital.

Casamentos

Realizou-se na igreja da Graça o casamento da sr.^a D. Maria Beatriz, neta da sr.^a D. Felismina Dias Gonçalves Roque e do sr. Francisco Luís Roque, com o sr. dr. António José de Almeida Silva, oficial da Administração Militar e professor da Escola Comercial e Industrial António Arroio, filho da sr.^a D. Sara de Mendonça Enes de Almeida e Silva e do sr. coronel Frederico Henriques de Almeida e Silva.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.^a D. Maria Gonçalves Roque dos Santos e o sr. José dos Santos, e por parte do noivo, a sr.^a D. Maria Frederica Sales e o sr. dr. Vitor Marques Santos.

Os noivos fôram passar a lua de mel para o norte do País.

— Para seu filho D. António, foi pedida em casamento pela sr.^a condessa do Lavradio, a sr.^a D. Eugénia de Almeida (Lavradio), gentil filha dos srs. Marquês de Lavradio, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

Presidido por Sua Excelência Reverendíssima de Mitiêne, D. Ernesto Sena de Oliveira, que antes da missa que foi resada pelo prior da freguesia, reverendo Machado Leal, fez uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Piçarra Lopes Dias, interessante filha da sr.^a D. Maria do Carmo Andrade Piçarra Lopes Dias, e do sr. dr. Jaime Lopes Dias, ilustre director dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa, com o sr. dr. José dos Santos Manarte, filho da sr.^a D. Florinda Moreira dos Santos Manarte e do sr. António de Oliveira Manarte.

Fôram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o avô paterno da noiva sr. José Lopes Dias e o pai do noivo.

Finda a cerimónia, durante a qual fôram executados no harmonium vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche. Os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paróquia de Reguengos de Monzaraz, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Cordeiro Ramos Piteira de Figueiredo, gentil filha da sr.^a D. Judite Cordeiro Ramos Piteira e de Figueiredo e do sr. dr. António Augusto Piteira, e sobrinha dos nossos amigos srs. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, dr. Armando Cordeiro Ramos, major Raul Cordeiro Ramos e capitão Mário



Casamento da sr.^a D. Maria Beatriz com o sr. dr. António José de Almeida Silva. (Foto, Serra Ribeiro)

Cordeiro Ramos, com o sr. dr. Alberto Fialho Janes, filho da sr.^a D. Maria do Carmo Fialho Janes, já falecida e do sr. Armando Janes. Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria do Rosário Vogado Perdigão e de padrinhos os pais dos noivos. Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.^a D. Maria Adelaide de Oliveira Raposo, interessante filha da sr.^a D. Maria do Carmo de Oliveira Raposo e do sr. dr. Joaquim Fernandes Raposo, presidente da Delegação da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, em Moura, com o sr. dr. Nataniel Navarro Pedro, licenciado em farmácia, filho da sr.^a D. Maria Antónia Navarro Pedro e do sr. Manuel Pedro. Fôram madrinhas a mãe e a avó da noiva sr.^a D. Bárbara Pimenta Raposo de Oliveira e padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Ezequiel Navarro Pedro, funcionário do Instituto Nacional de Estatística.

Os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para a Madeira, onde fôram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Helena Burnay da Costa Pessoa, esposa do tenente aviador naval sr. Henrique da Costa Pessoa (Vinhais). Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.^a D. Maria Madalena Amaral Fortes, esposa do sr. dr. Amaral Fortes, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

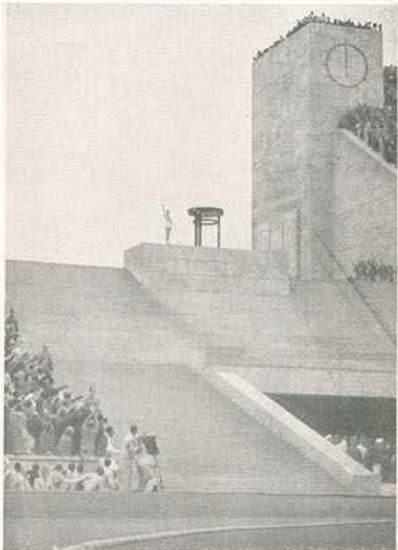
— Na sua casa de Parede, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, esposa do distinto clínico sr. dr. Azevedo Rua. Mãe e filho, encontram-se felizmente bem.

— A sr.^a D. Alice da Conceição Costa Sequeira, esposa do sr. António Duarte Sequeira, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

D. NUNO



Casamento da sr.^a D. Maria Helena Pereira Catarino, com o sr. Manuel de Vasconcelos e Sá (Albuquerque), celebrado na paróquia de Santo António do Estoril



Perfilado em solidação, o facto erguido ao alto do braço, frente à multidão silenciosa enquanto no ar tangiam as badaladas graves do sino olímpico...

No decorrer da quinzena que findou, e estamos em dizer que também no de muitas outras quinzenas precedentes, o maior acontecimento desportivo verificado em Lisboa foi a apresentação do filme de Leni Riefenstahl sobre os jogos Olímpicos de Berlim.

A arte da realizadora, auxiliada pela magnitude dos recursos postos à sua disposição, conseguiu o milagre de transformar o que normalmente deveria ser um documentário, embora excelente, no mais empolgante e impressionante dos espectáculos de desporto; a atmosfera do estádio, com seus entusiasmos e emoções, instala-se na tela pela seqüência habilíssima da coordenação das imagens e transporta irresistivelmente quem assiste, pelo espaço e pelo tempo, apresentando com todo o seu poder sugestivo o ardor das competições, a beleza das atitudes, a harmonia dos gestos, enquadrados em ambiente agitado e vivo de realidade.

Este é o principal merecimento da obra, sobretudo flagrante para aqueles que, como nós, ocuparam em Agosto de 1936 um dos cem mil lugares da magestosa arena do Reichsportfeld; a cineasta alemã não nos proporciona apenas uma maravilhosa reportagem técnica, preenche de preciosos ensinamentos dos melhores mestres, porque recompôs também o espírito dos jogos atléticos, nitidamente desenhado no constante antagonismo das imagens que alternadamente exibem a serenidade olímpica dos ídolos, cujas máscaras são poemas expressivos de verdade psicológica, e o irrequietismo apaixonado do público arrastado pelas suas ambições nacionalistas em manifestações de loucura entusiástica, de incitamento

fervoroso ou de desilusão amarga que a fotografia traduz com clara eloqüência, com tal eloqüência muda que nenhuma palavras conseguirão equivalê-la.

Como a saudade se acirrou no nosso pensamento à medida que iam correndo ante o olhar maravilhado as primeiras reproduções do inolvidável espectáculo olímpico! Sentimos a mesma comoção irreprensível de há dois anos, quando na tela surgiu o vulto branco do loiro Schaumbourg, perfilado em saudação com o facto erguido ao alto, frente à multidão súbitamente silenciosa, enquanto no ar tangiam as badaladas graves do sino olímpico; vibrámos com idêntica intensidade durante os escassos quatro minutos em que Lovelock percorreu quilómetro e meio e sentimos, como em Berlim, vontade de gritar, de aplaudir a formidável embalagem final, aqueles últimos 400 metros percorridos em 56 segundos por um homem que já tinha nas pernas mais mil e cem em andamento forçado.

A mecânica do filme é tão habilmente conduzida, que o espectador esquece a sala onde se encontra, se julga integrado naquela multidão incontável que enche as tribunas e, nos momentos decisivos, sente o impulso de a acompanhar quando se ergue num só movimento clamando de entusiasmo, esquecida das preferências que a dividiam anteriormente.

Dissemos que, certos pormenores, as imagens constituem um verdadeiro documento psicológico, em certos primeiros planos onde as expressões fisionómicas são autênticos espelhos de almas; citemos, porque mais nos impressionaram, a máscara concentrada do japonês Nishida quando se prepara para a última tentativa de salto, a elevação espiritual da formosa Valla assistindo ao hastear da bandeira italiana pela sua vitória na corrida de barreiras, a serenidade orgulhosa do lançador do dardo Stöck cantando o hino alemão no côro da assistência quando a insígnia germânica subiu em sua homenagem no mastro da glória e, acima de todas, a imagem do negro Owens, agachado nas covas como o felino que se prepara para saltar sobre a presa, olhar vivo, vontade concentrada, imóvel ainda mas impressivo já de dinamismo.

Se a reprodução das corridas é feita sempre em ritmo normal, porque assim o

A QUINZENA DESPORTIVA

aconselha a necessidade de emoção, as provas de concurso decorrem com retardador que as valoriza sem por cento, pondo em realce a harmonia da seqüência dos gestos no apuramento estilista dos campeões; saltos e lançamentos ganham na apresentação cinematográfica de Riefenstahl e o espectáculo supera o que foi a verdade.

O concurso de saltos à vara, para citar um exemplo, ocupa no filme pouco mais de dez minutos durante os quais assistimos a mais de vinte pulos, os decisivos, e ainda apresentados de forma a excitar a expectativa do público guardando a decisão para o momento final; em Berlim a mesma prova durou seis horas, foi interrompida pela chuva, e os últimos saltos intervalavam-se de quarto a quarto de hora, fatigando o espírito e dispersando a atenção. O salto vitorioso de Meadows não foi, aliás, a terceira tentativa, mas sim a segunda, e cada saltador não executou consecutivamente os seus três saltos, como no filme se observa, mas sim seguindo a ordem de alternância das disposições regulamentares.

Estas alterações romantizantes, que se compreendem pela necessidade espectacular da obra e em que nada alteram o fundo verdadeiro dos factos, repetem-se na forma de apresentação de quasi todos os concursos, na qual saltadores e lançadores invariavelmente triunfam na tentativa derradeira. Na realidade isso apenas



Toda aquela massa incontável de gente se ergue num só movimento clamando de entusiasmo, esquecida das preferências anteriores...

sucedeu com o alemão Hein no lançamento do martelo; Johnson saltou 2^m.03 ao primeiro ensaio, tendo levado a prova sem um único derrube, Tajima bateu o "record" mundial do triplo-salto à quarta tentativa e Owens conseguiu o mesmo no salto em comprimento ao quinto pulo.

Para elucidação dos apaixonados da verdade acrescentaremos que, nesta prova, o alemão Lang nunca alcançou isoladamente a cabeça da classificação como no filme se diz; ao quinto salto, Lang alcançou 7^m.87 igualando a marca anterior de Owens, o qual logo a seguir melhorou para 7^m.94 recuperando o primeiro lugar, que confirmou na sexta tentativa com os famosos 8^m.06.

A corrida da Maratona, cujo recorte é flagrante de impressionismo, reveste-se para nós de interesse especial porque nela aparece o nosso representante Manuel Dias na sua perseguição a Zabala durante a primeira metade do percurso, que atinge em quarto lugar e correndo à vontade.

O filme indica contudo, que o português nunca seguiu colado ao argentino e as imagens onde o vemos após a chegada, e que julgamos acrescentadas em Lisboa com elementos do arquivo do C. O. P., são firzante demonstração da coragem do campeão lusitano cuja expressão traduz claramente a dor que o atormenta nos pés sangrantes.

Enganam-se aqueles que traduzem o



Estampado na claridade difusa do céu irreprensível, o saltador terminou o voo triunfal que o consagra campeão, após seis horas de luta porfiada

facies de Manuel Dias como expressivo de esgotamento; o que nele transparece é sobretudo o ritus de sofrimento.

Não queremos terminar estas resumidas apreciações sem referir a parte relativa às provas de gymnástica aplicada e que veio substituir no filme, certamente por motivos de ordem comercial, o trecho magnífico que reproduzia na íntegra as três estafetas. Restantes a esperança de que este seja incluído na segunda jornada, donde foram tiradas as cenas que agora lhe ocupam o lugar.

Os exercícios de gymnástica apresentados são de extraordinária beleza, valorizados ainda pelo ritmo retardado em que decorrem. Executados com impecável perfeição, impressionam pela dificuldade, e dentre eles destacaremos as evoluções do alemão Frey no cavalo-arção e o trabalho fantástico do checo Hudec, campeão olímpico em argolas.

As provas de natação em água livre na estação mais fria do ano, constituem um luxo que os homens endurecidos nesse utilíssimo desporto se permitem com certa satisfação orgulhosa. Participar e classificar-se em corrida nessas circunstâncias, representa o aval às capacidades de resistência e decisão do nadador.

São conhecidíssimas as travessias organizadas no dia de Natal em diversas cidades ou capitais estrangeiras, entre as quais é sem dúvida mais popular a do rio Sena, em Paris, na distância de duzentos metros que separa as margens junto à Ponte Alexandre III.

Todos os anos, por maior que seja o frio, algumas dezenas de desportistas se lançam à água para ganhar uma jarra de Sèvres oferecida pelo Presidente da República Francesa.

Pois agora apareceu na Bêlgica um grupo de fantasistas muito mais aperfeiçoados, os quais se juntaram por iniciativa dum nadador já quarentão, o sr. Rig de Sonay, no Clube das Fôcas que conta mais de cento e cinquenta associados.

Toda esta gente se reúne na última noite do ano para mergulharem na água gelada dum rio poucos minutos antes da meia noite e só de lá saírem depois da passagem do ano; é um banho que co-



Rápido como felino no salto sobre a prova, o negro Owens parte à conquista da coroa de louros que o espera, com metros adiante...

meça em Dezembro e acaba em Janeiro!

Podia dar-lhes para pior!

SALAZAR CARREIRA.



O corredor português Manuel Dias que, apesar do contra-tempo dos seus pés sangrantes, conseguiu atingir a meta

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 5, 4, 3, 2
Copas — A.
Ouros — V. 3
Paus — — — —

Espadas — 9, 8 **N** Espadas — R. 6
Copas — R. D. V. **O** Copas — 10
Ouros — 6, 5 **E** Ouros — R. 10, 9, 8
Paus — — — — **S** Paus — — — —

Espadas — A. D. 7
Copas — — — —
Ouros — A. D. 4, 2
Paus — — — —

Sem trunfo. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A. e. e **N** — 2 p.
S joga A. o., **O** — R. o., **N** — 2 o., **E** — 3 o.
S joga R. e., **O** — 6 e., **N** — 2 e., **E** — A. e. (a)
e qualquer carta que jogue, **S** e **N** fazem tôdas as vasas.

(a) Se **E** cede com o 10 de copas, **S** joga V. de copas, **E** joga A. e. e tem de jogar ouros, fazendo **S** e **N** as 3 vasas.

Rapazes e raparigas

(Problema)

Entre rapazes e raparigas havia 44 pessoas num pique-nique aqui há tempos realizado. O número dos rapazes era de menos 16 que o dobro do das raparigas. Quantas eram estas?

Testamento dum excêntrico

(Solução)

O testamento reservou 40.000 escudos para a mãe, 80.000 escudos para o filho e 20.000 escudos para a filha.

O transporte do rádio em automóvel

Em Inglaterra, onde a luta contra o cancro prossegue activamente, graças à generosidade de vários doadores, utiliza-se um automóvel especial destinado ao transporte do rádio, do *Central Radium Pool*, para os hospitais que o requerem. Nesse automóvel, que nunca terá de transportar mais de 1 grama da preciosa substância, ha um cofre onde o rádio vai metido debaixo duma camada de chumbo de 102 quilos. Desta forma o *chauffeur* do carro, fica ao abrigo das emanções rádio-activas.

O animal mais veloz

Entre as aves parece ser a andorinha e entre os animais terrestres, a gazela. Uma andorinha apanhada no ninho, na Antuérpia, e deitada a voar em Compiègne, ou seja a uma distância de 240 quilómetros, regressou ao ninho numa hora e oito minutos, tendo viajado com uma velocidade média de mais de 210 quilómetros à hora. Um pombo americano, dizem, percorreu 480 quilómetros à razão de 114 quilómetros à hora.

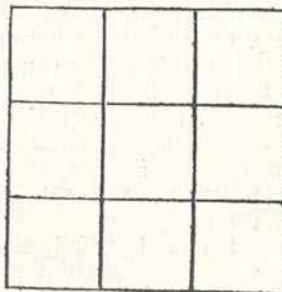
Pelo seu lado, um inglês, Mr. Roy Chapman Anderos contou que, encontrando-se de automóvel, no deserto de Gabi, perseguiu uma gazela; nesse momento, o conta-quilómetros do seu carro marcava 80 quilómetros à hora; ora o animal desapareceu no horizonte em poucos minutos, de onde se pode concluir que fazia, pelo menos, 90 quilómetros à hora.

A chaga, essa bonita planta trepadeira tam conhecida, é originária da América do Sul, onde cresce naturalmente em tôdas as partes inter-tropicais, principalmente no Perú, no Chili e nas margens do rio da Prata. Os primeiros pés foram trazidos do Perú para Espanha, nos últimos vinte anos do século xvii, isto é, os da pequena espécie em 1680 e os da grande em 1684.

A chaga espalhou-se, em seguida, por todos os outros países da Europa.

As quatro linhas

(Passatempo)



Trata-se de copiar este diagrama de nove quadrados, com quatro linhas contínuas do mesmo comprimento, sem que nenhuma dessas linhas cruze qualquer das outras.

No Museu Britânico de Londres conservam-se livros escritos em ladrilhos, conchas de ostra, ossos e pedras lisas, e manuscritos em cortiça de árvores, fôlhas, marfim, couro, pergaminho, papiro, chumbo, ferro, cobre e madeira. Também se conservam três Biblias escritas em fôlhas de palmeira.

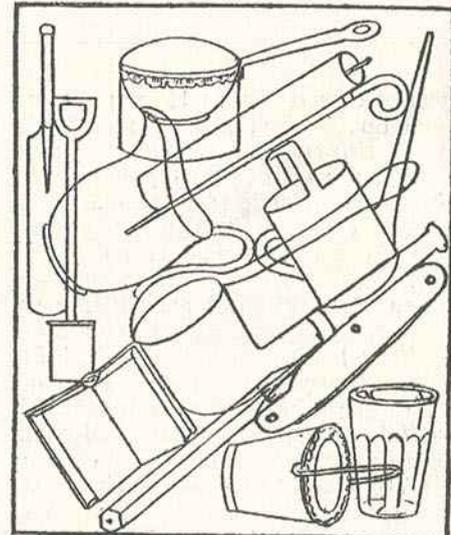
Uma inovação na arte do penteado

Um cabeleireiro da Pensilvânia descobriu um sistema para ondular o cabelo, mais simples, mais seguro e menos dispendioso, do que a actual «permanente».

Esse inovador, Mr. Kenneth Cristy corta, pois, um pouco acima da nuca, uma ou mais zonas de cabelos, de tal modo que as zonas intactas se dobrem, dando a ilusão da ondulação. O bom resultado da operação de-

Os objectos escondidos

(Passatempo)



Neste desenho entram dezeseite objectos. Reparem com atenção porque estão todos metidos pelo meio uns dos outros e vejam se são capazes de descobrir quais eles sejam.

pende naturalmente da habilidade do cabeleireiro e Mr. Kenneth abriu uma escola onde, por 50 dollars, se aprende o sistema de sua invenção.

Os grandes salões de beleza de Nova-York mandaram os seus melhores «peritos» receber lições e milhares de mulheres americanas renunciaram à primitiva «permanente», em favor da que deveria chamar-se a falsa ondulação e que, pelo contrário, se chama ondulação natural.

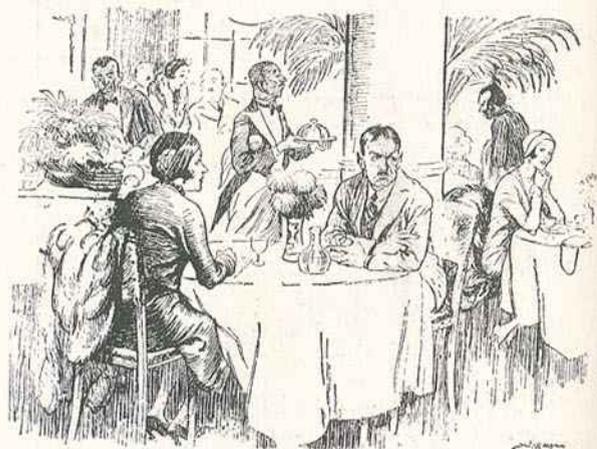
A temperatura das flores é grau e meio mais elevada que a do ar que as rodeia.

A floricultura

Não pode haver melhor ocupação para a mulher do que a floricultura. E' uma arte cheia de poesia que agrada ao espírito feminino e que, ao mesmo tempo pode dar bastantes lucros.

Na Bulgária e na Turquia há povoações inteiras que vivem do cultivo das rosas, as quais são aproveitadas para fazer perfumes orientais tão conhecidos e afamados.

Em Grasse, na provincia dos Alpes Marítimos, também se dedicam à cultura das flores com remuneração vantajosa.



A senhora: Estes criados, parece que vieram todos do ultramar.
O marido: Quem sabe se aquele que nos há de servir já terá embarcado de lá? (Do *Humorist*).

NOVIDADE LITERÁRIA

O CONTO DE AMADIZ DE PORTUGAL

PARA OS RAPAZES PORTUGUESES

POR Afonso Lopes Vieira

1 vol. de 48 págs. formato 26½ × 20, com desenhos e capa a cores de Lino António, br. Esc. 7\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**GRAVADORES
IMPRESSORES****Bertrand, Irmãos, L.^{da}**

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária**O problema da angina pectoris
O infarto do miocárdio
O síndrome de Adams-Stokes**PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR JÚLIO DE SOUSA COSTA

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantora e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da Severa — Doença e morte — Vale comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Indispensável a Juizes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Porto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 págs., formato 24 × 16½, com desenhos do autor, 30\$00; pelo correio à cobrança, 33\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

ENCONTRA-SE QUÁSI ESGOTADO O

Almanaque Bertrand

para 1939

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por MARIA FERNANDES COSTA

Único no seu género

A MAIS ANTIGA E DE MAIOR TIRAGEM DE TÔDAS AS PUBLICAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso vol. de 384 págs., ilustrado com 374 grav.

Cartonado..... 10\$00

Encadernado luxuosamente... 18\$00

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se estejam na fantasia e despertem pelo entrecabo romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário duma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor
- Uma mulher ideal
- Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destinada a grande successo
Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO (PADRE DAMIÃO)

Por PIERRE CROIDYS

SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Deposítaria:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

- ABELHAS DOIRADAS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- (1.^a edição), 1 vol. br. 15\$00
- ALTA RODA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AO OUVIDO DE M.^l X. — (5.^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ARTE DE AMAR — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.^o millar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- CARTAS DE LONDRES — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- COMO ELAS AMAM — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- CONTOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DIALOGOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50
- ELES E ELAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ESPADAS E ROSAS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ETERNO FEMININO — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- EVA — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- GALOS (OS) DE APOLO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- MULHERES — (6.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- OUTROS TEMPOS (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- PÁTRIA PORTUGUESA — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
- POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00
- UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50
- VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

- NADA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SONETOS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

- AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- CARLOTA JOAQUINA — (3.^a edição), 1 vol. 3\$00
- CASTRO (A) — (2.^a edição), br. 3\$00
- CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.^a edição), 1 vol. br. 1\$50
- CRUCIFICADOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- D. JOÃO TENÓRIO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- MATER DOLOROSA — (6.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- 1023 — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- O QUE MORREU DE AMOR — (5.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PAÇO DE VEIROS — (3.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PRIMEIRO BEIJO — (5.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- REI LEAR — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ROSTEIRO VERDE — (3.^a edição), 1 vol. br. 5\$00
- ROSAS DE TODO O ANO — (10.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- SANTA INQUISIÇÃO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SEVERA (A) — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- SOROR MARIANA — (4.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- VIRIATO TRÁGICO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O mais económico
O mais interessante magazine mundial
O DE MAIOR TIRAGEM
O de mais actualidade que se publica em Paris



FORMIDAVEL DOCUMENTÁRIO

dos mais palpitantes assuntos

48 págs. profusamente ilustradas, apenas

Esc. 2\$60

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA